

REVISTA



**50 anos da Escola
Comunidade Rural – ECR
de Brotas de Macaúbas:**

**pioneira da Pedagogia da
Alternância na Bahia,
1975 – 2025**

**BROTAS DE MACAÚBAS - BA
OUTUBRO DE 2025**

Revista: 50 anos da Escola de Brotas de Macaúbas:

pioneira da Pedagogia da
Alternância na Bahia,
1975 – 2025



EXPEDIENTE

ADECORBRE – ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADES RURAIS DE BROTAS DE MACAÚBAS E REGIÃO.

Rua Santo Afonso, 183 – Centro, CEP: 47.560-000, Brotas de Macaúbas/BA

Telefone: (77) 91838804

E-mail: eescolafamiliaagricolaregional@gmail.com

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Ricardo da Silva Ferreira

Vice-presidente: Anésia de Jesus de Oliveira
Vieira Praxedes

1º Tesoureiro: Rogério Martins de Araújo

2ª Tesoureira: Poliana Silva Santos

1ª Secretária: Sueli Lima de Araújo

2ª Secretária: Regina Alves Oliveira Silva

CONSELHO FISCAL

Paulo Renailton Pereira de Moura

Rosimiro Marcolino Sodré Neto

Jairo Rodrigues de Souza

SUPLENTES

Luis Ant nio de Oliveira

Oswaldo Ribeiro de Souza

Marileia Aparecida dos Passos

EQUIPE EDITORIAL

Aniceto Andrade Santos

Crispim Ribeiro da Silva

José Nivaldo de Santana Costa

Tercina Souza De Burghgrave (coord.)

Thierry De Burghgrave (coord.)

Tiago Pereira da Costa

REVISÃO TEXTUAL

Tercina Souza De Burghgrave

Thierry De Burghgrave

Tiago Pereira da Costa

EDITORA

Imburanatec Design

DIAGRAMAÇÃO

Tamara França



SUMÁRIO

EDITORIAL	6
------------------------	---

MENSAGENS

• Governo do Estado da Bahia	7
• Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido – REFAISA	8
• Associação das Escolas Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia – AECOFABA	9
• União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil – UNEFAB	10
• Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural – AIMFR	11

HISTÓRICO DA ECR	12
-------------------------------	----

• A ECR, a Paróquia Nossa Senhora de Brotas e a Formação de Lideranças das Comunidades Rurais	13
<i>Ailton Ribeiro Alcântara</i>	
• Formação de agricultores/as familiares que possam orientar suas comunidades no setor agropecuário, tornando-se líderes nelas	18
<i>Thierry De Burghgrave</i>	

LEGADO DA ECR

A contribuição pioneira da ECR na formação de jovens do e no campo através da Pedagogia da Alternância	23
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

• A ECR como referência para o desenvolvimento da Pedagogia da Alternância no estado da Bahia	24
<i>Dermeval Gervásio de Oliveira</i>	
• A ECR marcou uma época e contribuiu bastante para o desenvolvimento dos nossos municípios	27
<i>Generosa Araújo de Oliveira</i>	
• A ECR, a Cidadania e a Agricultura Familiar	29
<i>Eliran Neto de Oliveira</i>	
• Papel da ECR na expansão das EFAs na Bahia	32
<i>José Nivaldo de Santana Costa</i>	
• A ECR e o surgimento da EFAR	33
<i>Juraci Neto de Oliveira</i>	

TESTEMUNHOS

Lideranças Comunitárias, apoiadores/as e parceiros/as 35

- Dom Orlando Dotti 36
- Elias Nery da Silva e Maria Margarida 36
- Messias José e Neusa de Araújo 37
- Michel Faucon 38

Ex- monitores/as 39

- Idalgizo José Monequi 39
- Maria Madalena Tonieri 44
- Tercina Souza De Burghgrave 45
- Dermeval Gervásio de Oliveira 48
- Delcione Soares de Souza 50
- Moises Prado 50

Alternantes egressos/as 51

- Otávio Rodrigues Filho 52
- Joaquim José Vieira 54
- José Martins de Araújo 54
- Aldey Rosa da Silva 55
- Almir Pedro de Alcântara 56
- Oton Ribeiro dos Santos 56
- Judite de Oliveira Santos Manhani 58

Testemunho externo 59

- Dilton Aécio Rodrigues Oliveira 60

DESAFIOS E PERSPECTIVAS 62

- Reflexões, desafios e perspectivas da Pedagogia da Alternância na Bahia e no Brasil 63
Tiago Pereira Costa

HOMENAGENS PÓSTUMAS 66

AGRADECIMENTOS 69

EDITORIAL



Dia de feira em Brotas nos anos 70



Casa onde funcionou a ECR (1975-1994)

Existe algo surpreendente na história da Pedagogia da Alternância no mundo e no Brasil. De fato, poucos imaginavam que a iniciativa, um tanto quanto inusitada e revolucionária, de um vigário e de alguns de seus paroquianos camponeses, pais de famílias, num vilarejo rural do interior da França nos anos trinta do século XX (vinte) (há noventa anos), ia se desenvolver e se multiplicar, em pouco tempo, a ponto de ganhar o mundo e se tornar referência obrigatória na Educação do Campo.

O mesmo fenômeno tomou conta do Brasil quando, no final da década de sessenta (1960), no Espírito Santo, surgiram as primeiras experiências educativas em alternância, chamadas “Escolas Famílias Agrícolas” – EFAs. A Bahia foi a primeira unidade da federação a seguir o exemplo, mais precisamente em Brotas de Macaúbas, entre a Chapada Diamantina e o vale do São Francisco, em 1975.

Esta Revista apresenta uma retrospectiva do período de dezenove anos de funcionamento (1975-1994) da Escola Comunitária Rural em Brotas de Macaúbas, primeira EFA na Bahia e de seu legado de cidadania e de transformação da realidade no tempo. Explica como a semente, lançada em boa terra,

não morreu, apesar de cessar suas atividades antes de completar vinte anos de existência e ficar inoperante durante vinte e um anos, até o surgimento, em 2015, da Escola Família Agrícola Regional – EFAR.

A palavra nesse documento retrospectivo está, principalmente, com os/as protagonistas da verdadeira aventura que foi a ECR: agricultores/as familiares, lideranças comunitárias, alternantes egressos/as, educadores/as (monitores/as e professores/as) e apoiadores/as da ECR relatam aqui suas histórias de vida a partir de suas experiências na vivência com a Pedagogia da Alternância.

A Pedagogia da Alternância, ao longo de sua caminhada, quase centenária, enfrentou desafios que pareciam às vezes insuperáveis, mas a convicção e a fé das famílias camponesas e de suas comunidades sempre foram decisivas na conquista de avanços e de vitórias, tanto no campo pedagógico quanto político e social.

Enfim, a Revista reverencia aqueles e aquelas que deram muito de si para tornar realidade este sonho de educação cidadã e que já partiram, mas que permanecem vivos na memória e na partilha da convicção de que um mundo melhor é possível.

Boa leitura!

MENSAGEM DO GOVERNO DA BAHIA

A história da educação tem comprovado que não existe uma única forma de ensinar, muito pelo contrário, a cada comunidade, povo ou nação, formas específicas e identitárias são fundamentais para que o processo educacional se efetive.

O que conhecemos como Pedagogia da Alternância é o resultado de mais de cinquenta e seis anos de luta no Brasil para que os sistemas educacionais oficiais compreendam que currículo, calendário e identidade local são elementos imprescindíveis nos contextos escolares, sem articulação mútua de tais elementos é desconsiderado o princípio básico da educação – participação comunitária.

A legislação brasileira e o referencial teórico educacional são taxativos ao afirmar que grupos populacionais distintos têm o direito consagrado por calendários escolares específicos, que garantam o tempo presencial para as vivências escolares e tempos de vivências familiares e comunitárias, sendo que por todo o currículo existe a associação intrínseca e permanente entre prática e teoria.

Destaco que no contexto do Estado da Bahia, a Pedagogia da Alternância sempre teve um importante destaque, grifo que nosso Estado é predominantemente rural e povoado por famílias que sobrevivem da agricultura familiar e de subsistência com distritos e povoados que por vezes ficam a mais de 100 km das sedes das municipalidades, onde por regra foram construídas as Unidades Escolares e Universidades.

As distâncias geográficas quando não respaldadas em políticas de permanência e fixação dos estudantes nas escolas, são determinantes para a evasão escolar, logo a Pedagogia da Alternância se constituiu ao longo de sua existência um grito de resistência das comunidades do campo e ao mesmo tempo uma política de combate a evasão escolar, sem desconsiderar o avanço e produtividade pedagógica ao associar saberes locais e familiares aos saberes organizados cientificamente pelas escolas.

Ao celebrar os 50 anos da Pedagogia da alternância na Bahia, gostaria também de celebrar a existência das Escolas Família Agrícola e Casas Familiares Rurais como exemplos de consolidação e eficácia da metodologia da alternância, que foi replicada inclusive no Ensino Superior, a exemplo da Licenciatura em Pedagogia com ênfase em educação do campo ofertado pela UFRB.

São 50 anos exitosos que celebramos e comemoramos como a vitória dos saberes ancestrais, comunitários e do povo, e aproveitamos para citar Paulo Freire e suas perspectivas e reflexões sobre o valor inegociável de uma educação contextualizada e que pareça com os sujeitos das aprendizagens – expressões que sintetizam o verdadeiro conceito de Pedagogia da Alternância.

Rowenna Brito
Secretária de Educação do Estado da Bahia

MENSAGEM DA REDE DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS INTEGRADAS DO SEMIÁRIDO – REFAISA

Crispim Ribeiro da Silva
Diretor presidente da REFAISA

Caros companheiros e companheiras do Movimento da Pedagogia da Alternância da Bahia, estamos vivendo um momento muito importante para nós, a nível nacional e em especial no nosso estado. O ano de 2025 é um marco histórico para as Escolas Famílias Agrícolas, ano em que celebramos 90 anos da Pedagogia da Alternância no mundo, 56 anos no Brasil e 50 anos na Bahia.

Na Bahia, nestes 50 anos, a Pedagogia da Alternância tem contribuído decisivamente para a revolução camponesa em nosso estado. De fato, nasceu em Brotas de Macaúbas, no ano de 1975, no coração do sertão da Bahia, através da **Escola Comunidade Rural (ECR)**, uma experiência educativa pioneira do e no campo, tão humilde e ao mesmo tempo tão inovadora e resoluta quanto a primeiríssima, num pequeno povoado, na França, em 1935. A semente da ECR caiu em boa terra, germinou e se multiplicou através do surgimento, ao longo desses anos todos, de 34 Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) espalhadas nesse sertão baiano.

Foram 5 décadas de muita luta, muitas angústias, mas também de grandes avanços e grandes vitórias, entre elas, o reconhecimento da Pedagogia da Alternância como um jeito de fazer a educação contextualizada, do campo e no campo, do reconhecimento pelos diversos seguimentos do estado deste movimento de transformação social, e da juventude, através da educação e do seu financiamento por meio de políticas do estado, garantindo a nossa autonomia, sem perder a nossa essência. Isso afirma a grandeza do nosso movimento, que hoje é representado na Bahia por três redes, sendo elas, a REFAISA, a AECOFABA e CFR's, com mais de

5 mil estudantes espalhados por todos os Territórios de Identidade do nosso estado.

Podemos afirmar que ao longo destes cinquenta anos foram vários desafios, mas que foram decisivos para o fortalecimento da nossa caminhada. Portanto, reafirmamos o nosso compromisso com as lutas dos povos do campo, o acesso a terra através da Reforma Agrária, a defesa das comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas, Fundos e Fechos de Pasto, e sobretudo, com a agroecologia, não só como um modelo de produção, mas como um jeito de viver no campo, garantindo vida justa, digna e com respeito, em especial, às mulheres, aos jovens e às crianças, garantindo uma alimentação saudável, livre de agrotóxicos e da exploração pelo grande capital. Na construção de uma educação que não fique somente no debate, mas se coloque como pioneira na efetivação da sucessão rural, de novas formas de viver no campo, tanto no nosso estado quanto no nosso país. E assim, se afirmar como protagonistas ativos de uma educação que é capaz de libertar, baseados em diversos exemplos construídos ao longo destes 50 anos na Bahia e dos 56 anos em nosso Brasil.

A nossa tarefa é seguir firmes na luta, fortalecendo o nosso movimento, expandindo-o, fazendo-o chegar nos diversos rincões onde estão os esquecidos, os excluídos, levando a esperança ao povo camponês. O nosso lugar é onde os camponeses estão, é nas caatingas, nos cerrados, nas matas e florestas, respeitando as diversidades e os modos de vida, esse é o verdadeiro lugar da Pedagogia da Alternância, pois somos a pedagogia da liberdade.

MENSAGEM DA ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS COMUNIDADES E FAMÍLIAS AGRÍCOLAS DA BAHIA – AECOFABA

José Nivaldo de Santana Costa
Secretário Executivo/AECOFABA

Celebrar os 50 anos da Pedagogia da Alternância na Bahia é reconhecer uma história feita de sonhos, lutas, resistência, conquistas e, sobretudo, de compromisso com a vida no campo e com a educação libertadora. Foi em solo brotense que nasceu a primeira experiência de Escola Família Agrícola (EFA) no Estado da Bahia, sob o nome de Escola Comunidade Rural (ECR), tornando-se semente fértil de um projeto pedagógico inovador que transformou a realidade de inúmeras comunidades camponesas.

A Pedagogia da Alternância nasceu da necessidade de unir **escola e vida, teoria e prática, saberes acadêmicos e saberes do campo**, garantindo que os jovens não precisassem abandonar sua terra para estudar. Ao longo de cinco décadas, a experiência das EFAs tem mostrado que é possível formar pessoas conscientes, críticas e comprometidas com

o desenvolvimento sustentável, solidário e com a Educação do e no Campo.

A primeira Escola Família Agrícola da Bahia abriu caminhos para muitas outras, irradiando esperança e protagonismo juvenil, fortalecendo famílias agricultoras e contribuindo para a valorização da agricultura familiar, da convivência com o Semiárido, da cultura local e da identidade camponesa.

Neste jubileu de 50 anos, a Regional AECOFABA, com suas 18 EFAs afiliadas parabenizam essa escola pioneira, seus educadores/as, estudantes, famílias e comunidades que acreditaram e acreditam nesse projeto. Que a memória dessa trajetória continue inspirando novas gerações, reafirmando que **educar é semear futuro, cultivar dignidade e colher cidadania**.

MENSAGEM DA UNIÃO NACIONAL DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS DO BRASIL – UNEFAB

Idalgiz José Monequi
Diretor da UNEFAB

Há 50 anos, no ano de 1975, a ECR de Brotas de Macaúbas iniciava a sua desafiante caminhada de lutas, resistência, persistência e militância no semiárido do nordeste brasileiro, com o propósito de contribuir em sua ação educativa, por meio da Pedagogia da Alternância na formação integral dos jovens e desenvolvimento do mundo rural e do **Bem Viver das Famílias**.

Importante destacar que a ECR foi a primeira escola de educação do campo com a Pedagogia da Alternância a funcionar no bioma semiárido do nordeste, após ter sido experimentada durante alguns anos no Estado do Espírito Santo, sob a coordenação do MEPES - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo, onde a proposta foi conhecida e vivenciada por Thierry de Burghgrave, que teve o desafio de ajustar a proposta para as especificidades da realidade local, mantendo os seus princípios filosóficos e pedagógicos.

Nesta data, celebramos não apenas o tempo passado, mas de forma especial os seus impactos positivos nas transformações das comunidades. É um momento especial de colheita de seus inúmeros frutos produzidos, de agradecer e parabenizar a todos e todas as pessoas e

instituições, tanto da sociedade civil, quanto do poder público que, de diferentes maneiras, contribuíram na construção de sua história, superando os desafios encontrados pelo caminho para o cumprimento de sua missão.

Um agradecimento especial a todos os educadores e educadoras que atuaram na Escola Comunidade Rural, estudantes formados ao longo dos 50 anos, assim como todas as comunidades que participaram e foram envolvidas em suas atividades.

Que a alegria da celebração de sua caminhada de 50 anos possa ser um momento de reconhecimento do enorme papel histórico desempenhado por esta escola na formação dos jovens e desenvolvimento sustentável e solidário do campo, mantendo vivas as chamadas dos ideais de promover as transformações do campo por meio de uma educação contextualizada, crítica e emancipatória.

Parabéns a Escola Comunitária Rural de Brotas e todas as pessoas e instituições que contribuíram na sua caminhada. Especialmente a Thierry e Tercina que participaram de toda a sua trajetória desde 1975. Viva a educação do campo! Viva a Pedagogia da Alternância! Viva ao povo de Brotas!

MENSAGEM DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS MOVIMENTOS FAMILIARES DE FORMAÇÃO RURAL – AIMFR

Jordi González-García
Secretário Geral AIMFR

Celebrar os 50 anos da Escola Comunidade Rural de Brotas de Macaúbas é honrar uma história que ultrapassa os limites de uma instituição e se inscreve no coração de um movimento educativo que transformou a vida de milhares de jovens e famílias no campo. A ECR nasceu em 1975 de um sonho coletivo, alimentado pela coragem de comunidades rurais, educadores/as e parceiros/as, que acreditaram ser possível oferecer uma formação de qualidade, sem romper com as raízes culturais e produtivas do povo do campo. Foi esse sonho, concretizado no chão da Bahia e fertilizado pela experiência capixaba do MEPES, que deu origem a mais uma experiência pioneira de Pedagogia da Alternância no Brasil, abrindo caminhos para a criação de novas Escolas Famílias Agrícolas e para a consolidação de uma rede que hoje se estende por todo o país.

A Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural (AIMFR) reconhece, com profunda alegria, que a experiência da ECR se tornou referência além das fronteiras brasileiras, somando-se a tantos outros esforços em diferentes continentes para afirmar uma pedagogia que coloca a pessoa e a comunidade no centro do processo educativo. A Alternância não é apenas uma metodologia: é uma forma de vida, uma pedagogia que une escola, família e comunidade, que dialoga com os saberes da terra,

valoriza as identidades locais e abre horizontes para a cidadania ativa e a dignidade do trabalho no campo.

Neste ano de 2025, a coincidência é ainda mais significativa: a AIMFR também celebrará 50 anos de existência, precisamente no Brasil, terra que viu florescer a ECR. Se Deus quiser, será um tempo de encontro entre as diversas redes e países que compõem nosso movimento, uma ocasião privilegiada para trocar experiências, renovar compromissos e fortalecer os laços de solidariedade que nos unem. Assim, a comemoração dos 50 anos da ECR se integra à grande celebração internacional, lembrando a todos que os quatro pilares dos CEFFAs são uma força viva, capaz de inspirar gerações e de abrir caminhos para um futuro mais humano e mais justo.

A AIMFR se junta a esta festa com gratidão e esperança. É tempo de agradecer aos que abriram as primeiras trilhas, de reconhecer o esforço de quem manteve vivo o ideal nesses anos de caminhada e de renovar o compromisso com as novas gerações. Seguiremos juntos, no Brasil e no mundo, fortalecendo a Pedagogia da Alternância como um caminho de educação integral, capaz de responder aos desafios contemporâneos e de garantir que os jovens do campo sigam sendo protagonistas da transformação de suas comunidades.

HISTÓRICO DA ESCOLA COMUNIDADE RURAL – ECR



A ECR, A PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE BROTAS E A FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS DAS COMUNIDADES RURAIS¹

Ailton Ribeiro Alcântara
Sociólogo

Dois principais fatores contribuíram para o surgimento da Escola Comunidade Rural em Brotas de Macaúbas – BA, em 1975. Um nasceu da ação paroquial junto às comunidades. Dos muitos elementos que surgiam nos encontros comunitários – o que veremos mais adiante – os mais importantes eram as questões de saúde e a preparação dos moradores para a agropecuária. Pe. João Cristiano, em viagem para conhecer experiências de trabalhos de base em outros lugares, chegou a Anchieta (ES), onde conheceu uma Escola Família Agrícola (EFA). Por outro caminho, Thierry De Burghgrave – cooperante belga que à época atuava na FUNDIFRAN (Fundação de Desenvolvimento Integrado do São Francisco) – seguia na mesma direção. Ele também conheceu a experiência capixaba, em 1973, e, em 1974, realizou estágio de um ano no MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo), entidade responsável pela criação e gestão das EFAs naquele estado. O objetivo era retornar e implantar uma escola na Diocese de Barra. Esse foi o segundo fator que originou a ECR.

Os anseios da Paróquia de Brotas somaram-se ao intento de Thierry e da FUNDIFRAN, que pretendiam iniciar essa escola. Thierry e a FUNDIFRAN estudaram a Diocese, analisaram os dados do IBGE e encontraram em Brotas as melhores condições para uma experiência desse tipo. O município apresentava um grande número de minifúndios, o que caracterizava a região como

a de menor concentração de terras da Diocese. Em Brotas, conforme atestaram os entrevistados, o trabalho das CEBs estava mais avançado. A ação da Paróquia propiciava, assim, uma paisagem organizativa com as melhores condições para assumir a proposta.

Na década de 1960, as Paróquias Nossa Senhora de Brotas e Imaculada Conceição (Barra do Mendes) eram coordenadas por um mesmo pároco que constituía duas equipes paroquiais. Juntas, abrangiam sete municípios em uma área de 12.500 km², com aproximadamente 80 mil habitantes, segundo informação de Pe. João Cristiano. A Paróquia, foco deste estudo abrangia Brotas, Ipupiara e parte de Oliveira dos Brejinhos - esta parte conhecida como “as comunidades do asfalto”, por estar situada às margens da BR-242, construída no início dos anos 1970.

Em 1965, no contexto das propostas da Igreja renovada, que espalhou pelo Brasil a corrente progressista radical da Igreja Católica entre as décadas de 1960 e 1970, chegou à Paróquia de Brotas (também para atuar em Barra do Mendes) o padre recém-ordenado Rogério Ataíde Caldas Pinto. Ele lançou as primeiras sementes de organização da Igreja, compôs uma Equipe Central e estimulou a participação juvenil. Trouxe, ainda, para a paróquia a Escola Radiofônica, que funcionava com o método Paulo Freire. Segundo entrevistados, a experiência durou

¹ Resumo a partir do artigo de Ailton Ribeiro Alcântara “Comunidades de Base na década 70: a formação de lideranças na Paróquia de Brotas de Macaúbas - Diocese de Barra (BA)” publicado no livro: “Liderança para democracia participativa: experiências a partir da teologia da libertação / organizador Markus Brose – Goiânia: Ed. Da UCG, 2008.” 204 p.

pouco, devido à repressão do regime ditatorial. Por meio do sistema de rádio, os leigos trocavam informações e recebiam orientações de estudo. Pe. Rogério também tentou criar uma emissora local, mas isso só se concretizou em 1997, trinta anos após sua saída.

Em 1968, chegou um novo padre para as duas paróquias: Johannes Christiaan Franciscus Appelboom. Com 39 anos e dez de experiência pastoral em Minas Gerais, nos municípios de Guaxupé e Poços de Caldas, o “Padre João”, como ficou popularmente conhecido, passou o primeiro ano conhecendo os municípios e comunidades que deveria atender. Ele começou a desenvolver trabalhos inspirados nos fundamentos da Ação Católica, sobretudo no método “ver, julgar e agir”. O objetivo era desempenhar um papel evangélico, ligando fé e vida, discutindo com as comunidades sua situação e possíveis caminhos para melhorá-la. Consta em Relatório da Paróquia (já em 1975) que o objetivo era: “Formar núcleos de Igreja que, por sua vez, são sal, luz e fermento (Mt 5, 13-16) na formação das comunidades humanas.”

Assim, a ação paroquial não se restringia à pregação e aos sacramentos, mas buscava estimular a ligação da fé com a vida cotidiana, em outras palavras, a reflexão da vida à luz do ideal de “paraíso” e a ação transformadora sobre o ser humano e sua existência concreta. Essa era justamente a proposta da Teologia da Libertação e de seu movimento mais expressivo: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

A visão progressista dos pastores, somada à participação ativa de lideranças locais, em contraponto à crítica situação da região — marcada pela ausência de políticas públicas efetivas — levou a Paróquia de Nossa Senhora de Brotas a uma ação que, além de evangelizar, buscou suprir a ausência do Estado em saúde, educação e assistência social.

Metodologicamente, a Paróquia se organizava e atuava nos níveis comunitário e paroquial. Nas comunidades, foram formados os Conselhos Animadores, além de equipes e comissões específicas para atividades religiosas e demandas locais. Assim, surgiram equipes de saúde, agricultura, bem como comissões de matrimônio, batismo e administração. Posteriormente, foram criadas bibliotecas e diversos

projetos comunitários. No âmbito paroquial, esses conselhos integravam o Conselho Paroquial, onde ocorriam planejamento e cursos/formações para preparar lideranças comunitárias. A Equipe Paroquial, composta por leigos escolhidos, assessorava e animava o processo, sendo fundamental.

As primeiras ações concentraram-se em campanhas de conscientização sobre higiene doméstica e prevenção de doenças: campanhas de fossas, filtros e chuveirinhos (balde com chuveiros embutidos). A Paróquia chegou a organizar um fundo rotativo para que as famílias adquirissem filtros. Para combater a mortalidade infantil — o problema mais grave da época, pois muitas crianças morriam de tétano neonatal (“mal de sete dias”) — foram promovidas formações para “atendentes de saúde” e parteiras tradicionais. Um pequeno projeto com recursos externos possibilitou a distribuição de malas com kits completos para essas atendentes. Vale destacar que as paróquias de Brotas e Barra do Mendes chegaram a manter um ambulatório em cada cidade, onde, inclusive, dois médicos prestavam atendimento gratuito.

Esse era um contexto de pobreza, desinformação, ausência de serviços públicos e carência de organizações populares de luta. A Paróquia desempenhou um papel de lupa sobre o espírito evangelizador da Teologia da Libertação. O trabalho contou com o apoio de organizações católicas de cooperação internacional, como a Adveniat e a Misereor (Alemanha), também a DISOP (Bélgica), além de apoio nacional da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) e da Cáritas Regional. Também houve colaboração de grupos de amigos e familiares estrangeiros, especialmente da Holanda e da Bélgica.

Além da saúde, era preciso fomentar a organização das comunidades, preparar jovens — moças e rapazes —, melhorar as condições de vida, a produção agrícola e a convivência com a seca. Nesse contexto, em 1971 surgiu a Escola Maria Goretti, voltada à economia doméstica. Seu objetivo era “formar moças para a responsabilidade, tornando-as aptas para a vida e para assumirem os trabalhos como monitoras nas comunidades, dentro de um espírito cristão e de solidariedade humana” (EMG, 1975a). Em 1977, a Escola foi integrada à ECR.

Em 1975, na primeira década de atuação mais constante da Igreja Católica no município, começou a funcionar a Escola Comunidade Rural (ECR), a primeira Escola Família Agrícola da Bahia. Como dito, uma sinergia de potências fez surgir um movimento transformador, inaugurando uma verdadeira revolução educacional. Ainda que seu impacto inicial não tenha se expandido em escala, sua efetividade na vida dos envolvidos foi notável, sobretudo se comparada com a alternativa do êxodo rural. Nesse nível, de fato, pode-se falar em revolução – ruptura, mudança radical.

Antes da fundação da ECR, Thierry realizou o estágio na EFA de Rio Novo do Sul (ES), em

1974, preparando-se para estruturar a escola. Nesse mesmo ano, o MEPES apoiou a iniciativa e enviou uma equipe a Brotas para participar de reuniões com as comunidades, levando ao debate a Pedagogia da Alternância e a proposta da EFA. Esses diálogos ocorreram ainda em 1974. Em seguida, um projeto foi elaborado e enviado a organizações cooperantes e apoiadores estrangeiros. Uma organização alemã e um grupo de belgas financiaram a compra da casa e da roça onde se instalaria a Escola. Logo depois, foi estruturado o projeto pedagógico e, em 1975, iniciou-se a primeira turma. Assim nasceu a Escola Comunidade Rural.



**1ª turma da ECR
(1975-1976)**

A primeira Escola Família Agrícola da Bahia contou com apoio inicial da Misereor e, posteriormente, da ONG belga DISOP, que mais tarde se tornou a Solidariedade Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural (SIMFR). Era uma escola voltada para jovens, com o objetivo de preparar os alternantes em agropecuária, formando líderes comunitários e cidadãos críticos, conscientes de sua condição humana e do meio em que viviam.

O período de formação era de dois anos. Segundo Begnami (2024), essa formação possuía três finalidades: a formação técnica/profissional; a formação geral, que ampliava a visão de mundo e das condições de vida, incentivando a capacidade de transformá-las; e a formação humanista, destinada a preparar para a vida e para o desenvolvimento pessoal e comunitário.



Alternantes aplicados nas aulas teóricas na ECR

ECR funcionou até 1994. Conforme relatos colhidos, em 1990, o Pe. João Cristiano aposentou-se e afastou-se da Paróquia. Em seu lugar, como coordenador paroquial, assumiu o leigo Sr. Raymundo Porto, permanecendo até 1993, quando chegou o novo pároco, Pe. Leandro Caldeiras. Segundo os entrevistados, a Escola não ocupava posição prioritária na visão pastoral do novo padre. Para mantê-la funcionando, ele defendeu a criação de uma entidade jurídica autônoma, separada da Paróquia, para que os agricultores assumissem a responsabilidade. Convocou uma reunião com ex-alunos, monitores, fundadores da ECR e representantes da AECO-FABA, para discutir a questão. Após intensas discussões, os agricultores optaram por não assumir a Escola. O padre manteve sua posição de não continuar à frente, e a instituição foi fechada no meio do ano letivo, deixando uma turma sem concluir a formação. Outra política de prioridades foi implantada na Paróquia, como a reconstrução da Igreja Matriz na sede do município.

A experiência da Escola Comunidade Rural, em Brotas de Macaúbas, não se resume a um capítulo isolado da história local, mas a um movimento que uniu fé, vida e educação em uma época marcada por profundas ausências do Estado. Nascida do encontro entre a ação pastoral progressista e o ideal de formação integral dos jovens do campo, a ECR representou uma alternativa concreta ao êxodo rural e à marginalização das comunidades agrícolas. Pioneira como primeira Escola Família Agrícola da Bahia, a instituição deu forma a uma verdadeira revolução silenciosa: formou lideranças, ressignificou a permanência no campo e semeou um modo de educar voltado à transformação social. O seu fechamento, embora doloroso e marcado por escolhas institucionais distintas, não apaga o papel que desempenhou no período em que funcionou. Ao contrário, reforça a memória de uma experiência que demonstrou, na prática, que a educação pode ser instrumento de emancipação e que, mesmo em contextos de pobreza e carência de políticas públicas, a organização comunitária é capaz de inaugurar caminhos inéditos de esperança.





*Turma de alternantes em
Visita de Estudo*

FORMAÇÃO DE AGRICULTORES/ AS FAMILIARES QUE POSSAM ORIENTAR SUAS COMUNIDA- DES NO SETOR AGROPECUÁRIO, TORNANDO-SE LÍDERES NELAS²

Thierry De Burghgrave
Mestre em Ciências da Educação
Ex-monitor da ECR e da EFARA da região de Alagoirhas
Ex coordenador Pedagógico da REFAISA
Ex membro da EPN da UNEFAB

A Ideia de implantar uma Escola Família Agrícola - EFA - nasceu e germinou no bojo da recém-criada Fundação para o Desenvolvimento Integrado do São Francisco - FUNDIFRAN, na Diocese de Barra, no final do ano 1973, após contatos e visitas ao Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo - MEPES, berço dessas escolas no Brasil.

Como a área de atuação da Fundifran era vastíssima - 26 municípios do médio São Francisco, correspondendo a então Diocese de Barra, com 120.000 km² - precisava escolher nela uma área circunscrita que oferecesse algumas características básicas para a implantação de uma EFA.

Dois critérios nortearam a escolha: o primeiro tratava da estrutura agrária, priorizando pequenas e médias propriedades rurais; o segundo dizia respeito à existência de algum trabalho de base que pudesse dar suporte, apoio e contribuir para a realização do Projeto.

A paróquia de Brotas de Macaúbas, incluindo naquele tempo o município de Ipupiara e o distrito de Bom Sossego do município de Oliveira dos

Brejinhos é a que mais se enquadrava nos critérios estabelecidos. Por motivos de coerência filosófica e de conveniências administrativas, diante da realidade da época, optou-se, de comum acordo com a Fundifran, por inserir o Projeto de EFA na estrutura jurídica da Paróquia de Brotas.

Como na maioria dos municípios nordestinos, a base da economia da área escolhida dependia de condições climáticas adversas, com secas cíclicas e prolongadas, concentrando-se com lavouras temporárias, com técnicas rudimentares, sem indústrias, financiamentos e na ausência de maior apoio governamental. A atividade garimpeira, tábua de salvação precária e sazonal de sobrevivência para muitas famílias, encontrava-se decadente e nas mãos de intermediários inescrupulosos.

Na educação e na saúde, observava-se uma situação caótica, a ponto de não ser possível dissociar o analfabetismo como "pai e patriarca", segundo o escritor Jorge Amado, da fome e das doenças de todo tipo que atingiam a população desprotegida e carente, principalmente na zona rural.

² Nota do autor: a maior parte do texto foi extraído da Parte II "O caso da Escola Comunidade Rural (ECR) de Brotas de Macaúbas - Bahia" (pp. 79-191) do livro "Vagabundos, não senhor. Cidadãos brasileiros e planetários! Uma experiência educativa pioneira do Campo". De Burghgrave, Thierry. Orizona (GO): UNEFAB, 2011.

A herança do coronelismo, muito forte na região, junto à ditadura ferrenha, após o golpe militar de 1964, impedia o livre exercício da democracia: tudo estava devidamente sob controle e o processo político ocorria de cima para baixo, sem concessões a eventuais iniciativas que pudessem mudar a condução da coisa pública, impedindo qualquer manifestação maior de participação ou organização popular.

A herança do coronelismo, muito forte na região, junto à ditadura ferrenha, após o golpe militar de 1964, impedia o livre exercício da democracia: tudo estava devidamente sob controle e o processo político ocorria de cima para baixo, sem concessões a eventuais iniciativas que pudessem mudar a condução da coisa pública, impedindo qualquer manifestação maior de participação ou organização popular.

Em Brotas de Macaúbas e região, tal estado de coisas se via reforçado consideravelmente pelas lembranças da famigerada “Operação Pajussara”, ocorrida em 1971, em que o exército brasileiro, na ânsia de matar o capitão Lamarca e seus seguidores, entre os quais filhos queridos da terra, amedrontou a população local através de emprego desproporcional de força e de atos desnecessários de brutalidade e crueldade. A ameaça de volta das forças armadas à região nunca deixava de pairar no ar.

É em tal contexto sociopolítico que a igreja local vem, pouco a pouco, demonstrando uma visão pastoral renovada, inspirada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), traduzida em práticas e métodos até então desconhecidos da população local.

Com essa visão renovada, o pároco Pe João Cristiano e sua equipe pastoral paroquial vinha implantando, desde o final da década de 1960, um vasto programa de trabalhos de promoção humana tanto na sede, quanto nas comunidades rurais e abrangendo setores diversos, a exemplo da própria pastoral, da saúde, da formação feminina e da assessoria agropecuária. Para isso, cria o Centro de Serviços para o Desenvolvimento de Comunidades - CESEDIC, entidade jurídica própria, ligada ao Conselho Paroquial, cujo objetivo central era o de *formar núcleos de Igreja, que, por sua vez, seriam sal e fermento da massa.*

É nessa visão de conjunto de uma pastoral orientada para o crescimento de comunidades cristãs, que se insere o Projeto da Escola Comunidade Rural - ECR, com o objetivo de formar agricultores que possam orientar suas comunidades no setor agropecuário, tornando-se líderes nelas.

3ª turma de alternantes da ECR (1978)



Em 1975, ano da inauguração da ECR, coincidentemente, surge a primeira agência bancária em Brotas (BANEB), bem como é fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), atrelado e tutelado pela ditadura militar em curso. Nesse mesmo ano, ainda, é constituído, no seio da igreja católica, em Goiás, a Comissão Pastoral da Terra – CPT, que iria atuar, mais tarde, também na Diocese de Barra, no sentido de fazer com que os trabalhadores, cristãos ou não, construíssem e fortalecessem os sindicatos e denunciassem a onda de grilagens, provocando a expulsão dos povos do campo, favorecendo a concentração sempre maior da terra nas mãos de poucos latifundiários e especuladores.

Neste contexto da luta pela terra, a ECR, através de seu projeto de educação diferenciada, participou e protagonizou ações concretas visando operar nas mentes mais oprimidas a mudança que leva gradualmente à tomada de consciência do que significa ser “sujeito” e “ator” de sua história. À iniciativa da escola, reuniões, cursos, encontros, manifestações e assessorias diversas, bem como parcerias com o movimento sindical, contribuíram para a organização maior do povo em torno de seus direitos.

Ao longo dos 19 anos de sua história (1975-1994), a ECR nunca possuirá entidade jurídica própria, sendo incorporada depois da extinção do CESEDIC, à outras estruturas jurídicas ligadas à Igreja Católica, sendo elas a Instituição para o Desenvolvimento de Comunidades – IDEC e, em seguida, ao Serviço Social da Diocese de Barra – SEDEC.

Mesmo tendo maioria de agricultores na sua Diretoria (imagem Gov094), bem como na sua Assembleia Geral, a IDEC, embora facilitando o início de atividades novas e permitindo o entrosamento de certa faixa populacional não integrada na pastoral executada pela Paróquia, ficava presa na sua grande maioria e por dispositivos estatutários específicos e irrevogáveis, às influências da mesma e de seus esquemas próprios, contrariando assim, pelo menos em parte, um dos princípios fundamentais



O 1º Conselho de Administração da ECR em 1975

das EFAs, segundo o qual a autonomia política deve ser exercida pelas famílias, através de suas associações gestoras e mantenedoras.

Os outros princípios fundamentais do sistema EFA eram, todavia, bem presentes na vida da ECR. O segundo desses princípios, a Pedagogia da Alternância, em que o/a jovem em formação alterna períodos em casa/comunidade com outros na escola, foi, na sua essência, aplicado através de seus principais instrumentos, hoje chamados de mediações didáticas.

O fato do currículo da ECR, conhecido nas EFAS como Plano de Formação, não ter tido jamais compromisso com o sistema oficial de ensino, caracterizando a primeira fase da Alternância no Brasil, denominada “*Alternância informal para formar agricultores técnicos*”, deixava uma liberdade muito grande na condução do processo pedagógico, escapando do risco de desviar-se da metodologia da alternância por pressão exercido pelas exigências oficiais.

A Formação Integral da pessoa humana, terceiro princípio fundamental das EFAs, beneficiou-se, obviamente, na ECR, dos objetivos do Projeto Pastoral Paroquial na qual estava inserida, privilegiando o enfoque na cidadania e na formação de líderes. A integração entre a formação geral e técnica sempre foi priorizada, bem como o equilíbrio entre estudo e trabalho, considerando este último como princípio de educação. No caso da ECR, isto se evidenciou através dos trabalhos práticos diários na roça da escola, onde foram desenvolvidas experiências exitosas e inovadoras para a região, principalmente no cultivo de hortaliças.

Preparação de canteiros na roça da ECR



Na ECR, algumas ações se destacaram entre as demais para caracterizar a vivência do quarto princípio das EFAS, referente à ação comunitária para o desenvolvimento sustentável e solidário: a produção de hortaliças de todo tipo, tanto na própria ECR bem como nas roças dos/das alternantes em suas comunidades; a introdução de práticas pioneiras para com o trato dos animais, a exemplo de vacinas e sais minerais; introdução de equipamentos agrícolas desconhecidos ou ainda pouco utilizados na região; projetos de emergência contra a seca (poços e sementes); a criação de um depósito comunitário de fomentos agropecuários de grande repercussão na região por causa dos preços módicos de ferramentas e produtos veterinários e que chegou a contar em 1978 com “180 membros e com seis filiais nas comunidades de Brotas, Mata, Novo Horizonte, Sodrelândia, Lagoa de Dentro e Várzea Alegre”, passando ao número expressivo de 600 sócios em 1980.



Jovens alternantes nas atividades práticas na roça da ECR



Carteira de sócio do Depósito Comunitário da IDEC

Enfim, a ECR contribuiu com o desenvolvimento da região em que atuava através daquilo que era seu objetivo maior: formar cidadãos e cidadãs conscientes, críticos/as e preparados/as para assumir responsabilidades no convívio social, em todos os níveis.

Infelizmente, o Poder Público, tanto municipal, estadual quanto federal, se fez ausente da caminhada das EFAs brasileiras durante muitos anos, e a ECR de Brotas de Macaúbas não escapou à regra. A sobrevivência, muitas vezes heroica, foi fruto, antes de tudo, do sacrifício e do exemplo de resistência do próprio povo do campo, suas famílias, comunidades e organizações comunitárias. Uma ajuda substancial e proverbial veio, na grande maioria a fundo perdido, durante muitos anos a fio, de grupos anônimos de cristãos e de organizações não-governamentais (ONGs) de fora do Brasil.

O fechamento da ECR, em 1994, em decorrência de mudanças na gestão da Paróquia de N^a Sr.^a de Brotas, depois de dezenove anos de bons e leais serviços, não significou o fim do processo desencadeado a partir de 1975. Ao contrário, a semente jogada em terra firme e boa, cresceu e deu frutos. Jovens que passaram pela ECR desenvolveram seu trabalho nas suas roças, nas suas comunidades e organizações comunitárias e algumas dessas comunidades se destacaram.

Todavia, essas lideranças hesitaram em responder afirmativamente ao desafio lançado pelo novo vigário paroquial nos anos noventa que consistia em separar-se da estrutura paroquial e continuar o trabalho educativo

no seio de uma estrutura jurídica nova e autônoma, mesmo com a promessa de uma ajuda substancial para erguimento de novo patrimônio para compensar a perda de sua sede, que ficaria com a Igreja. Apesar dessa aparente desistência, uma nova entidade jurídica iria surgir dezesseis anos depois (1994-2010) com o nome de ADECORBRE (Associação para o Desenvolvimento de Comunidades Rurais de Brotas e Região), movida pelos mesmos objetivos e assumida pelas lideranças nascidas do trabalho da ECR nas últimas décadas do século passado.

Essa nova entidade jurídica autônoma iria, com a inauguração em 2015 da Escola Família Agrícola Regional (EFAR), oferecer um Curso integrando o Ensino Médio à Educação Profissional de nível médio, em alternância, e desta vez, contemplar plenamente o primeiro princípio do sistema EFA que dizia respeito à gestão do projeto educativo em alternância pelas famílias camponeses, suas comunidades e organizações.

A luta pelo reconhecimento oficial dos Centros Familiares de Formação por Alternância - CEFFAs (Escolas Famílias Agrícolas, Casas Familiares Rurais) e de sua Pedagogia da Alternância, longa, exigente, cansativa e determinada, resultou na conquista recente de marcos legais, em todos os níveis, extremamente importantes para que os povos do campo tenham acesso a uma modalidade de ensino de qualidade, contextualizada, diversificada e com a gestão comunitária garantida.

**Essa história não
terminou aí, a luta
continua!**



LEGADO DA ESCOLA COMUNIDADE RURAL - ECR

**A contribuição pioneira da
ECR na formação de jovens
do e no campo através da
Pedagogia da Alternância**

A ECR COMO REFERÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO ESTADO DA BAHIA

Dermeval Gervásio de Oliveira
Diretor Presidente da FUNDIFRAN

Ao celebrar os 50 anos da Escola Comunidade Rural (ECR), convém lembrar que em 1975, a realidade do campo era de extrema pobreza, desnutrição infantil e alto índice de verminoses, sem deixar de reconhecer que Padre João Cristiano, responsável pela Paróquia Nossa Senhora de Brotas, já tinha iniciado o grandioso trabalho voltado para o saneamento básico, com orientações e campanha de “fossas e filtros”, primeiros socorros através das atendentes de Saúde e partos seguros através do trabalho desenvolvido com as “parteiras leigas”.

Neste período surgiram vários conflitos pelo acesso à terra, consequência dos financiamentos do Banco do Estado para cercas de “4 fios” para a criação de gado, em detrimento à criação “miúda” (cabras, ovelhas e porcos), extinta posteriormente, devido as campanhas de “abaixo assinado” encabeçadas pelos prefeitos da época para acabar com o sistema da “criação solta”.

Além desta realidade, Brotas ainda vivia o clima de terror provocado pelo Exército Brasileiro na implacável “caçada” a Lamarca e Zequinha, revolucionários que ousaram lutar contra o Regime Militar. Hoje, 17 de setembro de 2025, dia que escrevo este texto, completou 55 anos deste triste episódio, que marcou a vida do povo brotense.

Neste período, os jovens camponeses, quando não iam embora para São Paulo, migravam para a cidade sede de seu município para tentar finalizar o nível médio normal (segundo grau).

Os homens jovens migravam para a cidade para trabalhar de ajudante na construção civil e com muito sacrifício, no turno da noite, conseguiam estudar no Colégio Cenecista, para cursar magistério ou técnico em contabilidade, curso que surgiu posteriormente.

Já as mulheres jovens se sujeitavam trabalhar em casa de família na função de doméstica em troca pela moradia e alimentação para poder estudar à noite. E muitas delas não conseguiam finalizar os estudos, devido a carga excessiva de trabalho não conseguiam dar continuidade aos seus estudos, retornavam para a casa de seus pais, muitas vezes grávidas, devido algumas situações adversas vivenciadas na cidade.

Os jovens rurais que não enfrentavam essas condições para seguirem nos estudos, migravam para os grandes centros urbanos, principalmente para São Paulo, em busca de melhores condições de vida para ajudar os seus familiares.

E foi neste contexto que surgiu a Escola Comunidade Rural (ECR) de Brotas de Macaúbas, a primeira da Bahia e referência na Metodologia da Alternância. Para consolidar este processo, como bem afirma Thierry no seu depoimento, a Fundação de Desenvolvimento Integrado do São Francisco (FUNDIFRAN), o enviou ao Estado do Espírito Santo para conhecer os fundamentos da Pedagogia da Alternância, que foi determinante para a criação da ECR.

“...descobri, graças à Fundifran e especialmente à figura de Fred Costa, o projeto das EFAs que fui conhecer no Espírito Santo e depois, com a Paróquia de Brotas de Macaúbas, ajudei a implantar na Bahia. Essa descoberta ia me permitir encontrar um rumo mais seguro e duradouro que estou seguindo até hoje, mesmo aposentado”.
(Coleção 50 anos da Fundifran, vol 1. Pág. 19, 2022).

O surgimento da Escola Comunidade Rural (ECR) em 1975, com base na Pedagogia da Alternância, foi fundamental para o desenvolvimento do campo e teve uma relevância na implantação de uma nova pedagogia que possibilitou a juventude rural aprofundar novos conhecimentos, sem se desligar de sua família e comunidade.

Alternantes descobrindo novas técnicas de plantio



O curso de formação contextualizada, com duração de 2 anos, garantiu a juventude rural apropriar-se do conhecimento da realidade local e nacional, das tecnologias apropriadas e de convivência com o semiárido, da sua integração e vivência comunitária, incentivando o jovem rural a permanecer no campo, contribuindo desta forma para o desenvolvimento local e reduzindo o êxodo rural.



Agricultor recebendo a ECR em sua roça

Neste sentido, a ECR se tornou uma referência para o desenvolvimento da Pedagogia da Alternância no Estado da Bahia, contribuindo para o surgimento de outras Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), garantindo estágios e/ou intercâmbios para os jovens de outras regiões do Estado. A experiência de Educação do e no Campo em Brotas, continua com a Escola Família Agrícola Regional (EFAR), que teve como importante conquista, o reconhecimento pelo MEC do curso como Educação Profissional Técnica em nível médio Integrado ao Ensino Médio.

É importante ressaltar que o fato das Escolas Famílias Agrícolas da Bahia terem conquistado o reconhecimento dos cursos técnicos, permitiu que as instituições da sociedade civil, a exemplo da FUNDIFRAN, passassem a oferecer estágios para alternantes das Escolas Famílias Agrícolas das redes REFAISA e AECOFABA, como também contratar profissionais egressos/as das EFAs para prestar o serviço de Assessoria Técnica e Extensão Rural para os projetos da Fundação.

A ECR MARCOU UMA ÉPOCA E CONTRIBUIU BASTANTE PARA O DESENVOLVIMENTO DOS NOSSOS MUNICÍPIOS

Generosa Araújo de Oliveira
Ex-coordenadora de Pastoral

A Escola Comunidade Rural iniciou com o Pe. João Cristiano que, preocupado com a formação dos pequenos agricultores dos municípios que faziam parte da Paróquia N^a Sr.^a de Brotas, foi ao Espírito Santo visitar o MEPES e gostou do modelo de educação em alternância que já existia lá. Inclusive, nesta viagem encontrou com Thierry De Burghgrave, outro entusiasta da ideia. Depois, mais tarde, o jovem belga juntou-se ao trabalho que já existia na paróquia e, como dizia o Padre João, ‘foi uma mão na roda’.

Lembro que naquela época já se desenvolvia um trabalho voltado para as mulheres com a Escola Maria Goretti. Foi um tempo bastante movimentado na Paróquia Nossa Senhora de Brotas, envolvendo jovens e adultos de todas as comunidades de Brotas e das comunidades do asfalto, pertencentes ao município de Oliveira dos Brejinhos e comunidades do município de Ipupiara, especialmente Sodrelândia.



*Grupo de alternantes
nos trabalhos manuais*

Lembro muito bem do entusiasmo da primeira turma de estudantes: Otávio, Geraldo, Joaquim, Nilson, José Ivanilton, Salvador e tantos outros. (imagem Gov098) Recordo-me também dos professores: eu mesma, Lélia e Raimundo Porto, Mará, Idalgizo, Thierry, Tercina e tantos outros que nos sucederam. Foi um tempo muito bom, com muitos desafios. Tenho muitas saudades da horta da escola. Quanta fartura! Inclusive, boa parte das

peças aprenderam a consumir certos tipos de verduras e hortaliças depois da grande produção vinda da roça da escola. A grande variedade de alimentos produzidos pela ECR, além de ser utilizada na alimentação dos estudantes, o excedente era vendido e muitas vezes doado.



Atenção redobrada na aula teórica na ECR

A Escola Comunidade Rural marcou uma época e contribuiu bastante para o desenvolvimento dos nossos municípios e ajudou muito os jovens a brilhar por onde andaram. A experiência do passado replicada hoje através da Escola Família Agrícola Regional me enche de orgulho

e alegria de poder ter contribuído de forma singela nesse momento.

De coração quero agradecer a todos que por ela passaram, em especial ao saudoso Pe. João Cristiano e a Thierry por ter me propiciado participar desta grande família.

A ECR, A CIDADANIA E A AGRICULTURA FAMILIAR

Eliran Neto de Oliveira
Professora

**“Mudar é complicado, sem dúvida,
mas acomodar é perecer.”**

(Mário Sérgio Cortella, filósofo brasileiro).

Nesses 50 anos da ECR (Escola Comunidade Rural) em Brotas, me veio à lembrança essa reflexão de Cortella, uma vez que essa escola enfrentou o desafio de mudar, transformar. Mudar paradigmas, mudar uma realidade, mudar um modo de viver, mudar a visão de mundo e de educação, e, conseqüentemente, provocar, instigar e sacudir uma estrutura estática, onde a minoria detinha o poder sócio-econômico-político, enquanto a maioria da população era meramente expectadora, que, sequer, tinha o direito de acesso ao conhecimento, às informações, muito menos o direito de questionar o motivo da sua evidente exclusão social. Não se podia perecer diante da acomodação reinante, e a ECR cumpriu muito bem o seu papel, também nesse aspecto, e deixou um importante legado para Brotas e região.

Vinda de uma comunidade rural, tendo um irmão, uma prima e jovens colegas da comunidade formados(as) no curso da ECR, e depois, já jovem, trabalhando na Paróquia de Brotas, fazendo parte da equipe de coordenação paroquial/SEDEC, bem como nos movimentos sociais da época, pude perceber o impacto da transformação na agricultura familiar e na formação cidadã de jovens, famílias e comunidades que foram atendidas pela escola.

Tive também a oportunidade de ministrar aulas em uma turma da ECR no final dos anos 80. Na época, eu morava na “casa Maria Goretti”, onde ficavam hospedadas as alunas e monitoras

da escola, bem ao lado da casa onde ficavam hospedados os alunos e os monitores, e onde, efetivamente, funcionava a escola. Essa convivência mais de perto com as alunas e os alunos, criava entre nós uma camaradagem incrível. Apreciava, todos os dias à tardezinha, eles/elas molhando os canteiros de verduras e legumes em um terreno ao fundo da casa Maria Goretti. Plantações essas, com aspecto, tamanho e vivacidade como nunca se tinha visto antes na região. Foi aí que virei “lagarta” e aprendi a comer folhas! A comer verduras e legumes! (Obrigada, ECR)! Inclusive, por várias vezes, atendi pessoas da cidade que vinham comprar as lindas e deliciosas alfaces e demais hortaliças produzidas pelos alternantes. Aliás, foi através da escola que, assim como eu, muitas pessoas do município e região passaram a conhecer e degustar a variedade de hortaliças, que antes nem sabíamos que existia.

**Cultivo de hortaliças
na roça da ECR**



A escola trouxe inúmeras boas mudanças para a nossa gente, para a nossa cultura interiorana. A Pedagogia da Alternância como metodologia educacional, traz valores de fundamental importância na prática de uma educação libertadora, pela qual sempre sonhamos e lutamos, e em muito diferencia da educação convencional que muitas vezes se limita à simples transmissão de conhecimentos com pouca ou nenhuma participação efetiva dos educandos(as). No caso da ECR, os alternantes tinham protagonismo nas discussões, na busca do tema a ser trabalhado em cada sessão, e por meio do PE (Plano de Estudo), apurava-se o conhecimento prévio dos jovens, e planejava os conteúdos a serem trabalhados de forma interdisciplinar. As exposições do PE, e os debates, claramente fortaleciam também a habilidade da fala; daí a segurança e capacidade na oratória dos jovens ao se colocar, argumentar, refutar ideias nos mais variados espaços e situações.

A pedagogia em si, a interação escola/comunidade, as aulas, tudo levava à formação cidadã e integral. Esses jovens passavam a ver o trabalho comunitário, a produção agropecuária, e o mundo ao redor, sob outra ótica e perspectiva, e, conseqüentemente, atuavam em suas comunidades na orientação e na prática da agropecuária com métodos mais adequados e eficazes, acabando com a cultura das queimadas anuais nas roças, por exemplo, visando também a proteção ambiental, bem como proporcionando uma alimentação saudável e variada às pessoas, e também uma oportunidade de aumentar a renda familiar. Era notória a contribuição dos alternantes na orientação técnica agropecuária para os agricultores nas suas comunidades e também as mudanças ali existentes.



Alternantes da ECR em sala de aula

Essa formação, óbvio, refletiu também na busca de organização social, através de associações, cooperativas, mutirões, sindicatos, partidos políticos, dentre outros, quando a alienação e o individualismo predominavam na região (sei que estes ainda existem, mas em escala menor do que nos tempos de outrora). Como disse no começo, não se podia acomodar! Não se podia perecer! Diante daquela realidade era preciso ação, pois a população vivia em abandono e no conformismo. O clientelismo, o assistencialismo praticado por representantes políticos, associados à troca de favores ou até mesmo à compra de votos, era usual. As pessoas desconheciam seus direitos, ou ao menos não lutavam por eles. Não se sentiam fortalecidas para isso, até porque, como se sabe, “uma andorinha só não faz verão”; era preciso que houvesse união e organização para se ter força, vez e voz. Presenciei uma situação um tanto quanto inusitada em uma comunidade, onde, às vésperas da eleição, o trator da prefeitura chegou à beira do tanque e, com ele, o recado do cabo eleitoral do prefeito naquele lugar: o tanque será limpo, a depender a votação de amanhã. Quanta humilhação! Não queria ter ouvido aquilo! Urgia lutar por justiça!

Na década de 80 tivemos uma efervescência política com a luta pela volta da democracia no Brasil com o fim da ditadura militar, a luta pelas “Diretas já”, em 1984, a elaboração da constituinte cidadã em 1988 e a volta das eleições diretas para presidente em 1989. E, com os trabalhos de base e de conscientização desenvolvidos desde a década de 70, por meio da ECR, e também da Igreja, através das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), tivemos um avivamento na luta político-social, onde, com muita honra, pude participar ativamente, junto a outros companheiros e companheiras da época, e balançar um pouco a estrutura política de Brotas, com uma participação mais direta e ativa que levou muita gente à conscientização da importância de buscar espaços nos poderes constituídos, a fim de lutar pela emancipação daquelas pessoas tão sofridas e carentes. Foi um momento de trabalho coletivo, muita luta, reuniões, debates e resultados bem positivos para a época. O primeiro passo foi dado, e fizemos história!

Vale também lembrar que muitas dessas conquistas que tivemos lá atrás, bem como nos tempos mais recentes, foram graças às sementes plantadas naquela época. E, curiosamente, tudo isso se tornou possível com a iniciativa, a coragem e a ousadia de duas pessoas vindas do exterior (e que se tornaram brasileiríssimas): Padre João Cristiano Appelboom (em memória) e Thierry de Burghgrave. Inspirados e motivados pelas ideias e propostas do Concílio Vaticano II, com sonhos e utopias de um mundo melhor para todos e todas, corajosamente ousaram fincar os pés naquele pedaço de chão sertanejo e dar, cada um ao seu modo e em seu espaço de atuação, uma enorme contribuição para esse legado que hoje temos em nossa região.

Por fim, quero registrar que a convivência e os aprendizados herdados da Pedagogia da Alternância e das lutas comunitárias, contribuíram em muito na minha formação profissional e na prática da minha profissão. Esses princípios me inspiraram na tarefa de educar, em cada projeto desenvolvido, em cada sala de aula por onde passei, sempre levando aos meus jovens alunos(as), a esperança – do verbo esperar, como dizia o Mestre Paulo Freire, os conhecimentos e práticas que levam a uma educação libertadora. E, com esses princípios, vamos em frente!

**Um viva a ECR,
pelos seus 50 anos!**

**Um viva a
todos os atores
envolvidos nesse
processo, nessa
travessia...**

**E gratidão aos meus
ex-alunos e ex-alunas
da ECR, aos compa-
nheiros e companhei-
ras das comunidades
e a todas as pesso-
as que continuam na
luta em um momen-
to tão conturbado da
nossa história.**

PAPEL DA ECR NA EXPANSÃO DAS EFA'S NA BAHIA

José Nivaldo de Santana Costa
Secretário Executivo da AECOFABA

Natural de Riacho de Santana, filho de camponeses, sou egresso da Escola Família Agrícola de Riacho de Santana (Ensino Fundamental) e da Escola Técnica da Família Agrícola da Bahia – ETFAB (Ensino Médio), ambas compõem as 18 EFAs filiadas à Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia - AECOFABA.

Há quase quatro décadas, vivi uma experiência que marcou para sempre a minha trajetória: o estágio na Escola Comunidade Rural (ECR), no município de Brotas de Macaúbas – BA, a primeira Escola Família Agrícola (EFA) fundada no estado da Bahia. Naquele tempo, incentivado por Padre Aldo Lucchetta e por meus pais, eu integrava a primeira turma da ETFAB (Riacho de Santana). Embora já estivesse caminhando para os anos finais dos meus estudos na EFA, tudo era muito novo para nós, jovens estudantes cheios de sonhos, e também para as comunidades que começavam a descobrir a força transformadora da Pedagogia da Alternância. Era um tempo de descobertas, esperança e construção de caminhos.

Lembro-me com nitidez da acolhida simples e calorosa, do ambiente de partilha e da riqueza de aprender fazendo. No estágio, cada atividade era uma oportunidade de reafirmar o que meus monitores da ETFAB nos orientavam com veemência: o ensino fundamentado na integração entre teoria e prática. Desde os cuidados com a terra e os animais até as reflexões em grupo sobre o papel da agricultura familiar no desenvolvimento do campo.

A vivência naquele espaço foi uma experiência riquíssima para mim. Tive a honra de conhecer o senhor **Raimundo Porto**, pessoa comprometida com o bem comum e primeiro presidente da AECOFABA. Com ele, visitei comunidades, conheci realidades, como comunidades de Fundo, Fecho de Pasto e organizações coletivas já surgidas naquele território, além de vivenciar a solidariedade e o compromisso com a transformação social daquele povo. Essa convivência me ajudou a compreender que ser jovem do campo não significava estar à margem, mas sim carregar em minhas mãos a possibilidade de semear o futuro.

Hoje, olhando para trás, sinto gratidão por ter feito parte dessa história. A Escola Família Agrícola me ensinou valores que levo até hoje: a valorização da terra, o respeito às pessoas e a certeza de que a educação, quando enraizada na vida do povo, tem o poder de transformar destinos.

O estágio foi muito mais do que uma etapa escolar: foi o ponto de partida para que eu compreendesse minha identidade, minha missão e meu compromisso com o desenvolvimento sustentável do campo, além do meu dever de continuar contribuindo com as EFAs. Passados 39 anos, guardo essa experiência como uma semente que germinou e continua frutificando em minha vida e na vida de tantos outros que também acreditaram e acreditam nesse projeto transformador.

A ECR E O SURGIMENTO DA EFAR

Juraci Neto de Oliveira
Agricultor familiar

Juraci Neto de Oliveira, agricultor familiar, morador da comunidade de Alvorada, do município de Brotas de Macaúbas, estudante da Escola Comunidade Rural nos anos de 1985 e 1986.

A Escola Comunidade Rural – ECR, que este ano completa 50 anos de inaugurada e a Escola Família Agrícola Regional – EFAR, tem muita coisa em comum. A EFAR é a continuação da ECR. Durante este período de 21 anos – 1994 a 2015, que a escola ficou sem funcionar, sentimos muita a falta de uma escola que preparasse os jovens para viver bem em suas comunidades, tendo como exemplo aqueles jovens que haviam estudado na ECR, pois estes jovens tinham-se tornado cidadãos capazes de transformar a sua realidade e a realidade de suas comunidades, aplicando o que aprenderam e orientando os agricultores e agricultoras dentro das necessidades surgidas na vida no campo e nas atividades do seu cotidiano.

Diante de tudo que se percebia, crescia o desejo de reabertura da ECR tanto por parte dos egressos como por parte dos agricultores de várias comunidades, porém faltava uma pessoa com coragem para dar o pontapé inicial, até que, em 2009 durante as comemorações dos mártires, Zequinha e Lamarca, veio um senhor de São Paulo, de nome Francisco, e hospedou-se na Casa Santo Afonso, conheceu Pe. João Cristiano que contou-lhe sobre o seu trabalho em Brotas, falou também sobre a ECR e do desejo que as pessoas tinham de reiniciar a escola. Este senhor gostou e provocou o debate. Pediu que Pe. João reunisse alguns egressos da ECR e também lideranças das comunidades. Este encontro aconteceu com a

presença dos egressos, lideranças das comunidades, o Pe. João, o senhor Francisco, estavam também presentes Litercílio Júnior, então prefeito de Brotas de Macaúbas e o Pe. Cláudio, da paróquia de Ipupiara. Foi feita uma avaliação muito positiva sobre o funcionamento da escola, constatando que a ECR ajudou muito no desenvolvimento da região e na organização das comunidades. Foi formada uma comissão para continuar o debate com as pessoas nas comunidades o que resultou no surgimento de uma associação a fim de dar amparo jurídico para que a comissão pudesse levar adiante a ideia de recriar a escola. Por isso, no dia 05 de junho de 2010 foi criada a Associação para o Desenvolvimento das Comunidades Rurais de Brotas e Região – ADECORBRE. Nesta Assembleia de criação, eu, Juraci Neto de Oliveira, fui escolhido para ser o seu primeiro presidente. A Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido – REFAISA, foi escolhida para dar assessoria nos trabalhos. Foram realizadas muitas reuniões, encontros e visitas as EFAs de Correntina, Santana e Monte Santo a fim de entender como funcionava uma EFA, agora seguindo as normas oficiais do Conselho Estadual de Educação – CEE e do Ministério de Educação e Cultura – MEC.

Para ajudar a realizar este sonho muitos representantes de entidades vieram fazer parte da ADECORBRE, tais como: Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Sindicatos de Funcionários Públicos Municipais, Comissão Pastoral da Terra, Paróquias, Poderes Públicos, Associações Comunitárias e apoiadores da sociedade civil. Contou também com a importante colaboração de Thierry De Burghgrave que

Parabéns a ECR pelos seus 50 anos e que a EFAR continue produzindo muitos bons frutos.

se disponibilizou para ajudar. Por fim, com muita luta e empenho, tudo foi encaminhado para dar início a nova escola. O companheiro Guiomar me sucedeu na presidência e no dia 16 de março de 2015 foi iniciada a primeira sessão da Escola Família Agrícola Regional - EFAR, hoje já com 10 anos formando cidadãos que atuam nos mais diversos setores de atividades, muitos colocando em prática os seus PPJs – Projetos Profissionais do Jovens, outros em entidades como: Cresol, Sindicatos, Cooperativas, Banco do Nordeste e Prefeituras.



**Surgimento da EFAR em 2015:
1ª turma de alternantes**

TESTEMUNHOS

Lideranças comunitárias,
apoiadores/as e parceiros/as

Dom Orlando Dotti, bispo da Barra (1976 - 1983) sobre a ECR/IDEC:

Em visita pastoral na Paróquia de Brotas de Macaúbas, entre outras atividades realizei um encontro da IDEC, no dia 19 outubro de 1980. Ao fim da Assembleia o Sr. Presidente e o Sr. Thierry solicitaram-me um parecer sobre a IDEC e a Escola, e outras atividades executadas por esta entidade. Apraz-me testemunhar meu alto apreço pela IDEC e a escola. É manifesto a mudança qualitativa de vida do nosso povo, creditada a IDEC. Novos hábitos alimentares, de moradia, na agropecuária e acima de tudo na organização básica tanto comunitária quanto sindical. Aprecio a presença da escola e de sua mantenedora dentro da nossa diocese e confio que outras escolas semelhantes possam, em breve, se instalar aqui. Com os protestos de minha estima e distinto apreço.

Elias Nery da Silva e Maria Margarida da Boa Sorte (Oliveira dos Brejinhos):

Relato da conversa ocorrida na residência do casal em 21/09/2025. Seu Elias foi dirigente do culto e presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) de Oliveira dos Brejinhos na época dos trabalhos da ECR. A conversa com o casal girou em torno da atuação da ECR e da Escola Maria Goretti na região ao longo dos anos. Os destaques maiores foram atribuídos ao trabalho de organização da comunidade e à luta pela terra. Sem isso, afirmam, “hoje talvez fôssemos trabalhadores sem-terra, vivendo como agregados de grandes fazendas”.

O despertar da comunidade em relação às ameaças representadas pelas crescentes grilagens de terra a partir da década de 1970 em diante, ocorreu através de muitas reuniões, encontros, palestras, visitas às famílias e trabalhos dos/das alternantes através dos Planos de Estudo e outras mediações didáticas da Pedagogia da Alternância. Tudo isso apontou para a necessidade de providenciar com urgência os documentos da terra e a apelar para os órgãos do governo como a INTERBA e a CAR.

Esse esforço concentrado da comunidade da Boa Sorte e das demais na vizinhança, como Várzea Alegre, Várzea da Pedra, Várzea Grande e Queimada Nova, trouxe uma organização maior que possibilitou a tão cobiçada medição da terra para o reconhecimento de áreas coletivas como Fundo de Pasto.

Algumas tentativas de grilagem, a retomada do STR das mãos dos políticos ou de pessoas alheias à classe trabalhadora, bem como a histórica luta do bode solto marcaram essa época.

Prosseguindo a conversa, o casal cita as ações concretas na área da saúde, destacando-se a preocupação com a higiene, a construção de sanitários, fossas e filtros através de campanhas organizadas pela Paróquia e suas equipes de trabalhos sociais. Pessoas da comunidade foram capacitadas através de cursos na sede da Paróquia para assumirem o trabalho de atendentes de saúde.

Na área de serviços agropecuários, conta o casal, “aprendemos com os/as alternantes da ECR a cuidar melhor dos animais, prevenir as doenças com vacinas, a usar o sal mineral, a introduzir novas culturas como a plantação da palma forrageira e a acabar com o fogo na roça, deixando o bagaço como adubo, e graças a tudo isso conseguimos pouco a pouco conviver melhor com a seca”.

O casal lembrou da importância do Depósito de fomentos agropecuários da IDEC (Instituição para o Desenvolvimento de Comunidades, entidade jurídica ligada à Paróquia que abrigava todos os trabalhos sociais, inclusive as escolas) em Várzea Alegre e Várzea da Pedra, que disponibilizava a “preços mais em conta” ferramentas agrícolas e produtos veterinários, entre outros artigos essenciais.

Foi lembrado que na seca severa de 1976, projetos de poços manuais na Boa Sorte, no Arroz, na Várzea da Pedra, no Largo e na Queimada Nova e de distribuição de sementes de feijão amenizaram o sofrimento do povo e dos animais. (imagem GOV055)

Projeto de abertura de poços na seca de 1976



Constata ainda o casal, que com a saída de muita gente para São Paulo, as lavouras diminuíram cada vez mais, dando mais espaço para criação de animais. Alerta também que a caatinga está acabando e que se não cuidar vai ficar cada vez mais reduzida.

Algumas hortas também surgiram e hoje se aproveita mais as frutas da caatinga na alimentação: exemplo disso são as muitas sementes que servem para fazer chás indicados para melhorar a saúde.

Lamenta o casal Elias e Maria Margarida que a maioria dos jovens de hoje, infelizmente, sabe muito pouco de tudo isso, desconhece a sua própria história.

Messias José e Neusa de Araújo da comunidade do Araci (Brotas): A conversa com o casal Messias e Neuza ocorreu na sua residência na comunidade de Araci, município de Brotas de Macaúbas, no dia 20/09/2025. O casal foi muito ativo nos primeiros anos das escolas Maria Goretti e Comunidade Rural, incentivando sempre os/as alternantes da época. O Messias acompanhava de perto a vida da ECR e foi membro da Diretoria da IDEC (Instituição para o Desenvolvimento de Comunidades), representando sua comunidade.



Francisco Nery, Presidente da IDEC, na sua roça na Boa Sorte



Messias (Araci) na roça experimental na comunidade

Afirma o casal que muita coisa melhorou no Araci através da ação da Escola Comunidade Rural (ECR) e da Escola Maria Goretti que chegou primeiro. As reuniões em torno do Plano de Estudo atraíram muita gente. Os assuntos sempre tratavam da vida dos/das agricultores/as e de suas famílias. Buscavam-se coletivamente as possíveis soluções para os principais problemas encontrados no dia a dia.

Os alunos e as alunas (alternantes), que eram escolhidos/as pela própria comunidade, faziam suas reuniões na comunidade e trabalhavam em suas propriedades. Difundiam as técnicas agrícolas aprendidas nas sessões na escola e prestavam serviços à comunidade.

Assim, muitas novidades surgiam. Muita coisa aprendemos neste tempo: como plantar,

principalmente as hortas. Cada um fazia na sua casa. O que produzia, consumia.

Na saúde, houve a construção de banheiros com fossas, cursos de enfermagem e de parteiras. Todo mundo participava das equipes de trabalho na escola.

Um fato em especial foi lembrado no decorrer da conversa. Houve um almoço comunitário onde apareceram muitas novidades. Pratos diferentes foram confeccionados com produtos tradicionais, e outros com produtos desconhecidos, principalmente com base em hortaliças e frutas, etc. O povo experimentava as comidas diferentes e levava para casa as receitas novas.

Todas essas atividades significaram o pontapé para o desenvolvimento da comunidade. As atividades desenvolvidas ajudavam a abrir a cabeça do povo.

O que mais mudou nestes tempos da ECR, foi o modo de viver do povo, o entrosamento entre as famílias, trazendo um movimento maior na base dos ensinamentos.

Mas havia também desconfiança por parte de alguns que espalhavam o medo, dizendo que tudo isso era “comunismo” e que isso era perigoso.

O fato é que cresceu a autonomia da comunidade do Araci, principalmente em relação ao Poder Público (Prefeitura). Isto serviu de exemplo para outras comunidades ingressar também nas atividades.

Michel Faucon, primeiro assessor pedagógico da ECR e da AECOFABA: Minha história com a ECR de Brotas começou em 1975. Naquela época, eu tinha chegado no Espírito Santo a serviço do MEPES e fazia parte da equipe dos professores do Centro de Formação dos monitores das Escolas Famílias do Movimento. O Centro recebia, além dos alunos capixabas, estudantes de outros estados interessados pela Pedagogia da Alternância, mandados por organizações querendo iniciar novos processos educacionais adaptados à realidade do mundo rural. Dentro da turma de alunos daquele ano,

duas moças vinham da Chapada Diamantina: Tercina e Zélia, alunas entusiastas, empolgadas para levar de volta a Brotas o máximo de tudo que vieram buscar em Vitória (ES).

Em Janeiro de 1976, Thierry pediu ao MEPES a ajuda de um técnico agrícola para acompanhar vários projetos educacionais e também me pediu uma visita para dar uma assessoria pedagógica às equipes de jovens que iam atuar nas suas comunidades, assim como dar um reforço à equipe de monitores da ECR. Viajei para Brotas com o técnico pouco antes do Carnaval. Minha descoberta de Brotas e das comunidades foi para mim um verdadeiro encanto. Ainda hoje, minha memória conservou a visão da bonita praça da cidade, das casas de adobo conservando o frescor para dentro, do suco de cana, etc. Lembro-me dos sorrisos acolhedores, das gargalhadas nos intervalos de trabalho, da impressão que tive de me sentir tão à vontade naquele lugar com aquela gente. Nunca esquecerei Zélia e Tercina me ensinando as músicas do Carnaval daquele ano nos serões que davam o sabor final aos dias de intercâmbios riquíssimos.

Nos anos seguintes, tive várias outras ocasiões de acompanhar a ECR. Quase cada ano eu vinha dar uma assessoria à equipe dos monitores. No decorrer do tempo, outras escolas iniciaram em Cruz das Almas, Itanhém, Riacho de Santana, Ibotirama, e meu tempo de visita na Bahia aumentava cada ano! Começamos a ter sessões de formação em comum com todas as equipes, até que se decidiu ter uma estrutura específica par as escolas da Bahia. Foi assim que nasceu em 1980 a AECOFABA e que vim morar em Ibotirama. Os intercâmbios com Brotas aumentaram, ainda mais com a vinda de Joaquim que veio dar apoio à equipe de Ibotirama. O desenvolvimento das escolas foi muito rápido e aos poucos novos atores levaram a frente esse maravilhoso projeto. Outras tarefas, outras responsabilidades me chamaram de volta para a França em 1984. Deixei a Bahia feliz em ver o dinamismo das escolas, pensando ter tido alguma utilidade no processo.

**Feliz aniversário!
Saúdo abraço a
todas e todos.**

An aerial photograph of a rural landscape, showing a dirt road winding through a field. A person is walking along the road. The image is overlaid with a dark green, semi-transparent grid pattern.

TESTEMUNHOS

**Ex-Monitores/as da Escola
Comunidade Rural - ECR**

ATUAÇÃO COMO MONITOR NA ECR DE BROTAS DE MACAÚBAS EM 1976

*Idalgizo José Monequi Educador da pedagogia da alternância
e ex-monitor da ECR de Brotas de Macaúbas/BA*

Após ter estudado na Escola Família Agrícola de Campinho, Iconha, estado do Espírito Santo de 1971 a 1974 no curso de agricultor técnico que era oferecido na época, continuei meus estudos e em 1975 atuei como Monitor em formação na EFA de Rio Novo do Sul/ES, onde Thierry havia feito um estágio em 1974 e onde também havia atuado o Monitor José Antônio Lani (Mará).

Quando estava me preparando para fazer o curso de formação de Monitores do MEPES, coordenado pelo Professor Paolo Nosella, recebi o desafiante convite da direção do MEPES para colaborar com os trabalhos da recém-criada ECR-Escola Comunidade Rural de Brotas de Macaúbas, atendendo uma solicitação de Thierry para substituir o Monitor Mará que havia atuado aí em 1975.

Ao receber o convite, na época com apenas 21 anos de idade e nunca ter saído do Estado Espírito Santo, confesso que fiquei surpreso e até assustado, porque estava iniciando minha função de monitor com a Pedagogia da Alternância. Solicitei um tempo para pensar e conversar com a minha família para dar uma resposta se aceitaria ou não este desafio. Apesar do desafio ser grande, vi que a proposta de trabalhar em outro Estado, sobretudo do Nordeste, seria uma excelente oportunidade de fazer uma experiência em outra realidade, distinta da minha. Por isso aceitei o desafio e no período de Carnaval de 1976 viajei de ônibus para a terra desconhecida de Brotas de Macaúbas, com muitas incertezas e expectativas na bagagem, acompanhado de Michel Faucon que atuava no Centro de Formação do MEPES.

Depois de uma longa e demorada viagem, chegamos na cidade de Brotas de Macaúbas que estava vivendo a festa do carnaval. Fomos muito bem recebidos primeiramente por Thierry e o senhor Raimundo Porto e aos poucos fomos sendo apresentados para toda a equipe que atuava nas ações de educação, saúde, e ação social da Paróquia de Brotas. No mesmo dia, já participamos da festa de carnaval da cidade e conhecemos as pessoas com as quais iríamos conviver durante o ano, inclusive o Padre João.

Os primeiros dias da minha chegada a Brotas de Macaúbas foram dedicados para conhecer a escola, minha apresentação a futura equipe de trabalho, incluindo o Conselho da ECR, discussão sobre o plano de ação e distribuição de responsabilidades da equipe. Foram dias de conhecimento sobre os trabalhos da ECR, da realidade local e de interação com os membros da equipe.

Após esse período curto, mas importante de planejamento e interação com as pessoas e realidade local, iniciamos os trabalhos do ano letivo da ECR de 1976 com muitas expectativas e animação. Logo percebi que era necessário dialogar muito com os estudantes e membros da equipe para conhecer a realidade socioeconômica e cultural do Município e região, para a construção contextualizada dos conhecimentos por meio da troca de experiências, como diz nosso mestre Paulo Freire ***“as nossas cabeças pensam onde nossos pés pisam”***.



Alternantes copiando a síntese do Plano de Estudo - PE

Mas foram os trabalhos comunitários desenvolvidos pela equipe da ECR que me permitiram conhecer de fato a realidade vivida pelas famílias e comunidades no semiárido do Nordeste, realidade que apenas conhecia através dos estudos de geografia e história. Uma realidade que se apresentava ainda mais dura no ano de 1976 em função da ocorrência de uma grande estiagem que castigava duramente a região, o que ainda exigia mais esforço de minha parte para compreender toda essa dramática complexidade e de viver em uma situação dessa. Essa situação nos inquietava e instigava a contribuir com o projeto de educação dos jovens, suas famílias e comunidades, com o propósito de transformar essa realidade em melhores condições de vida para a população. Esses trabalhos comunitários e visitas as famílias, que representavam uma ação muito forte da ECR, foram fundamentais para a nossa interação e direcionamento dos temas tratados no plano de formação dos estudantes e nas orientações às famílias, respeitando e valorizando os saberes e experiências dos sujeitos locais, através do nosso papel de animadores.

O meu trabalho como educador e animador comunitário na parte agrícola na ECR de Brotas foi possível graças ao apoio da equipe, dos estudantes, alguns com idade superior à minha, e das famílias, o que facilitava o debate e a troca de experiências no desenvolvimento dos conteúdos de forma contextualizada e vinculados a realidade deles. Isso permitiu viver experiências significativas para a minha vida pessoal e profissional, dentre as quais destaco algumas: **a) Projeto de produção da propriedade agrícola da ECR**, com destaque para o exitoso e surpreendente projeto de produção de hortaliças, que

O surpreendente tomatal na roça da ECR em 1976



foi um grande sucesso, pela inovação nas técnicas de cultivo, de irrigação e consequentemente pela alta produtividade de tomates, pimentão, alface, cenoura, entre outras que despertou grande interesse da comunidade em conhecer a

horta e comprar diretamente os seus produtos colhidos na hora, o que dava muita satisfação para a equipe.

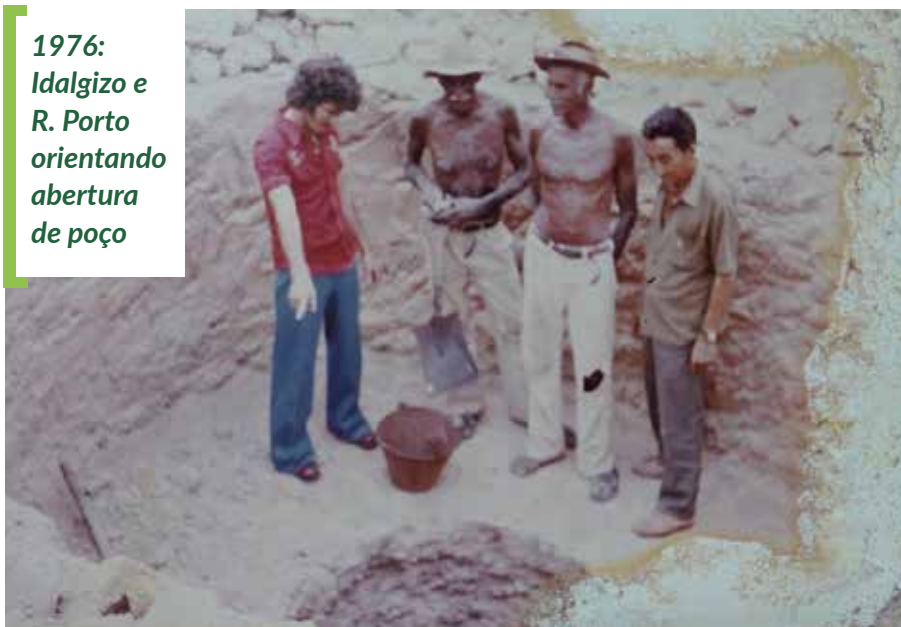


Preparando a terra para o plantar hortaliças na ECR

Esse projeto teve um papel importante na quebra de alguns paradigmas sobre a produção de hortaliças e consumo, que jamais me esquecerei, **b) Projeto de abertura de poços nas comunidades**, um projeto que nasceu com o objetivo de minimizar um pouco as consequências da longa estiagem que assolava a região em 1976, principalmente pela crítica escassez de água para o consumo familiar, cultivo e criação de animais, comprometendo as condições de vida nas comunidades e os trabalhos da ECR. Essa situação levou a equipe a tomar a decisão de reformular o seu plano de atividades e de priorizar ações de solidariedade a fim de amenizar os efeitos da seca

nas comunidades. Graças ao apoio financeiro, principalmente da MISEREOR, foi desenvolvido um projeto de **abertura de poços** nas comunidades e compras de sementes para os agricultores e agricultoras familiares. Uma experiência marcante na minha vida, onde tive que rever o programa dos conteúdos das minhas áreas de ensino e dedicar-me ao estudo teórico e prático sobre a captação de água subterrânea, pouco estudado por mim até então. Com pouco ou quase nada de experiência, iniciamos as ações para identificar os locais com maior possibilidade de encontrar água subterrânea para a abertura dos poços.

*1976:
Idalgizo e
R. Porto
orientando
abertura
de poço*



Por meio de um Plano de Estudo, realizado pelos estudantes da ECR e visitas aos locais, analisamos as características geológicas, de vegetação e do solo, para identificar a presença de água no subsolo. A sensibilidade humana por meio de vibrações obtidas, percorrendo em círculo na área com uma **“forquilha de árvore verde”**, presa nas mãos, foi também de grande utilidade. Quanto maior for a vibração, maior a possibilidade de ter água no subsolo. Mas nem todas as pessoas possuem essa sensibilidade. Eu mesmo não tinha muita.

Dessa forma, aprendendo e superando os desafios com os recursos do projeto da MISEREOR, adquirimos os equipamentos e materiais necessários para a abertura manual de poços (pás, picaretas, cavadeiras, baldes, carrinhos de mão, enxadas, cordas, roldanas, materiais de segurança etc.) e começamos a perfurar os poços com trabalhadores contratados das comunidades, com os recursos do Projeto para esse duro e extenuante trabalho. Como resultado, tivemos a sorte de encontrar água na maioria dos poços, tendo alguns perto de 30 metros de profundidade. Essa foi uma das melhores ações e experiências da minha vida, que me deu muita satisfação, quando celebrava junto com a comunidade a descoberta da água.

Caminhando para a finalização do relato da minha atuação no ano de 1976 como monitor da ECR de Brotas de Macaúbas, estou consciente de que teriam muitos outros fatos, momentos e experiências a serem contados. A vivência com a equipe, com os/as estudantes e com as comunidades foi igualmente importante e marcou profundamente a minha vida pessoal e profissional, contribuindo para o meu amadurecimento e para o aprimoramento da minha missão de educador da Pedagogia da Alternância em uma realidade muito distinta e até então desconhecida por mim.

Foi um ano inesquecível e marcante da minha história de vida e se tornou um marco divisorio na minha trajetória profissional. Por isso, reforço a importância da experimentação profissional em realidades diferentes no processo formativo. O conhecimento e interação em uma nova realidade, por mais desafiante que seja, é fundamental para o maior conhecimento e contextualização da sua realidade de origem.

Concluo, ressaltando que valeu a pena ter aceitado o grande desafio de viver esta experiência, integrando a pequena e potente equipe da ECR de Brotas de Macaúbas, que soube me acolher e me integrar à nova realidade. Assim, pude dar a minha contribuição no desenvolvimento de suas atividades educativas e no fortalecimento da sua missão de promover uma educação contextualizada, crítica e emancipatória, na formação integral dos jovens e no desenvolvimento sustentável, solidário e justo do semiárido.

Monitor junto com alternantes em atividade prática



EXPERIÊNCIA COMO MONITORA DA ECR

Maria Madalena Tonieri
ex-monitora

Eu como filha de agricultor capixaba, residente no Município de Jaguaré – ES, estudei o primeiro e segundo grau nas Escolas Famílias Agrícolas do MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo). Ao concluir o curso de Técnico em Agropecuária no ano de 1982, na Escola Família Agrícola de Olivânia - MEPES, o Pe João Cristiano, vigário da Paróquia de Nossa Senhora de Brotas na Bahia, pediu ajuda ao MEPES para que enviasse ex alunos para trabalharem e colaborar com a retomada dos trabalhos da ECR (Escola Comunidade Rural) de Brotas de Macaúbas, na IDEC (Instituição para o Desenvolvimento de Comunidades). Então, eu e mais dois colegas, fomos convidados e aceitamos o desafio de trabalhar em outra realidade, no sertão da Bahia.

Com um povo muito acolhedor, não foi difícil me adaptar e me integrar nos trabalhos. Atuei no período de outubro de 1982 até dezembro de 1984. Junto com a equipe paroquial e as lideranças comunitárias, fizemos o trabalho de recrutamento dos jovens do campo para formar as turmas de alunos/as da Escola Comunidade Rural. Fazíamos visitas nas famílias camponesas que tinham filhos na idade escolar para conscientizá-las da importância dos/das jovens se

prepararem para enfrentar os desafios do campo, bem como para a vida e ajudarem no desenvolvimento das comunidades. Assim, com pouco tempo, as turmas estavam formadas e a escola funcionando novamente.

Com o método de ensino na Pedagogia da Alternância, além dos instrumentos pedagógicos, como o Plano de Estudo, Visita às Famílias, entre outros, eram trabalhadas as disciplinas do núcleo comum e as disciplinas específicas das áreas técnicas, com aulas teóricas e práticas. A formação dos jovens era integrada com a pastoral social da Paróquia de Brotas de Macaúbas e assim, os trabalhos se estendiam às comunidades com cursos e palestras sobre saúde, higiene e técnicas agrícolas, envolvendo as famílias dos/das alunos/as e outras famílias das comunidades.

Para mim, foi uma experiência muito importante onde aprendi muito, iniciei minha carreira como professora nas escolas com a Pedagogia da Alternância. Tive a oportunidade e o privilégio de conhecer outra realidade e compartilhar experiências em relação ao clima, à vegetação, à agricultura, aos costumes, culinária e cultura. Conheci lugares diferentes e fiz novas amizades que cultivo até hoje, principalmente com Davina, Elenice, Generosa e a família de Sr. Raymundo Porto. As famílias camponesas e os ex-alunos estão gravados no meu coração.

Um abraço a todos os brotenses e uma feliz homenagem pelos 50 anos da Escola Comunidade Rural de Brotas de Macaúbas. Sucesso aos envolvidos e gratidão às lideranças que lembraram de mim como parte dessa história da Educação do Campo.

A equipe da ECR
visitando as famílias



EXPERIÊNCIA COMO MONITORA/PROFESSORA NA ESCOLA COMUNIDADE RURAL NOS ANOS DE 1976 A 1981

Tercina Souza De Burghgrave
ex-monitora da ECR

No dia 21 de abril de 1975, tive a honra de participar da inauguração da Escola Comunidade Rural - ECR. Não imaginava que tipo de escola era esta, sabia apenas que era uma escola para rapazes que vinham de várias comunidades da paróquia de Brotas de Macaúbas, para fazer um curso de dois anos com a finalidade de aprender algumas técnicas agrícolas e depois atuarem formando grupos de agricultores em suas comunidades. Eu, apesar de ser de Queimada Nova, uma comunidade do município de Oliveira dos Brejinhos, estava em Brotas desde 1974, porque fazia parte de uma turma de moças de algumas comunidades da paróquia de Brotas, que fazia um curso de formação feminina, na então Escola Maria Goretti, que também tinha a duração de dois anos, porém não funcionava com a metodologia da Pedagogia

da Alternância. Era um curso onde tinha aulas de corte e costura, bordados, arte culinária, higiene, nutrição e primeiros socorros, com a mesma finalidade de formar grupos de mulheres nas comunidades e transmitir aquilo que tinha aprendido neste período. Porém, no mês de junho deste ano de 1975, fui convidada pela equipe da paróquia e de monitores da ECR, para fazer um curso de formação de monitores no Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo - MEPES, com a finalidade de fazer parte da equipe de monitores no ano seguinte.

No Espírito Santo, tive a oportunidade de estudar, conhecer e aprender mais sobre a metodologia da Pedagogia da Alternância e seus instrumentos pedagógicos, o que hoje conhecemos como mediações didáticas. No MEPES tive excelentes professores que, além de ensinar os conteúdos direcionados a formação de monitores de EFA, também transmitiam vivência e formação da cidadania, dentre eles, o inesquecível Frei Beto, os educadores Michel Faucon e Paolo Nosella.

Lembro com muito carinho o carisma do saudoso Pe. Humberto Pietrogrande e de muitos outros que faziam parte e estavam presentes no Centro de Formação de Monitores. Guardo ainda boas lembranças de amizade e de convivência dos/das colegas da época. Quanto aprendizado! A experiência sobre o papel de monitora

A equipe da ECR
visitando as famílias



no dia a dia de uma EFA foi adquirida nos estágios que fiz em várias EFAs existentes no Espírito Santo.

Em fevereiro de 1976 fui contratada, para o meu primeiro emprego, pelo então Centro de Serviços para o Desenvolvimento Integrado de Comunidades - CESEDIC, como coordenadora de formação feminina, para fazer parte efetivamente da equipe da ECR, onde permaneci até o ano de 1981, atuando como monitora e professora de Língua Portuguesa.

Estes anos que trabalhei na ECR foram muito enriquecedores tanto para a minha vida profissional, quanto na vida pessoal. Aqui aprendi que, quando se utiliza com firmeza e dedicação a Pedagogia da Alternância e seus princípios metodológicos, ocorre uma transformação em aprendizados essenciais para a formação profissional e de cidadania dos/das jovens que estudaram na ECR e das pessoas das comunidades onde a ECR atuava. Aprendi como era possível promover uma educação contextualizada, libertadora, integral e humana para aqueles/as que na maioria das vezes eram esquecidos pelos poderes públicos.

Na ECR, também, aprendi a valorizar os saberes empíricos dos agricultores e agricultoras das comunidades, que, com o seu modo simples de vida, de agir e de falar nos ensinavam muito. E que era apenas necessário que lhes fossem dadas oportunidades para provar que eram capazes de assumir, refletir e tomar decisões. Desafios que muitas vezes lhes eram negados.

Os cursos, as visitas às famílias e as reuniões nas comunidades me proporcionaram uma vivência rica de aprendizado e de amizade que permanece até hoje. Muitas das pessoas que eram parceiras e colaboradores/as naquela época, já não estão mais entre nós, mas as lembranças e os seus legados continuam vivos e são referências para os trabalhos posteriores. Outras migraram para outros lugares e afazeres, mas que também continuam sendo lembrados e celebrados. Com os e as estudantes também tive uma troca de experiência muito rica, pois os saberes de cada um e de cada uma eram compartilhados através da convivência, do diálogo e da amiza-

de recíproca que existia entre nós. Não existia a mentalidade de alguém que sabia mais que o outro, é na mediação com o outro que a aprendizagem acontecia, como nos ensina e nos ensinou o nosso saudoso Paulo Freire.

Além das aulas teóricas, e das aulas direcionadas à formação feminina, a participação nas atividades práticas na roça da escola me proporcionou um aprendizado que trago comigo até hoje. Na época, a produção das várias espécies de hortaliças cultivadas na propriedade da escola era novidade na cidade de Brotas. Muitas pessoas visitavam a roça da ECR, encantados pela forma e diversidade de tudo que era produzido. As verduras e hortaliças produzidas na roça da escola tinham como prioridade serem utilizadas na alimentação dos/das estudantes, pois a maioria desconhecia grande parte das espécies que ali eram produzidas.

Neste ano de 1976, a ECR começou de forma mista, onde rapazes e moças participavam juntos de todas as atividades realizadas. Por isso, a ECR foi também a primeira Escola Família Agrícola mista do Brasil.

Na formação destes e destas jovens estudantes me emociona muito saber que os egressos e egressas da ECR desenvolveram suas comunidades nas lutas e conquistas de seus direitos e na formação de cidadãos críticos e conscientes. Alguns assumiram tarefas na direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, nas associações comunitárias, participando ativamente da vida da comunidade, além de desenvolverem um trabalho diferente em suas propriedades, colocando em prática o que foi aprendido na ECR. Alegrou-me também, saber depois de muito tempo, que um casal de irmãos, da comunidade de Varzinha, egressos da ECR, mudaram para uma cidade do oeste da Bahia. Lá constituíram família e desenvolveram uma grande plantação de verduras e hortaliças capaz de abastecer as feiras livres e mercados da região. No mais, até aqueles e aquelas que desenvolveram outras atividades, mesmo em outros estados, relatam que a convivência e o aprendizado obtido na ECR, ajudaram a exercerem suas atividades com mais consciência e de uma forma mais humana. E que, sua maneira de trabalhar e conviver é notada e admirada por seus padrões e colegas de trabalho.

Por fim, alegra-me muito, perceber que o tempo de trabalho na ECR tenha deixado marcas de grandes amizades, saudades e que as sementes plantadas desde o seu início continuam produzindo bons frutos.

Parabéns a ECR pelos seus 50 anos e viva a Pedagogia da Alternância!



Alternantes e monitores consumindo produtos da horta

PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA. UMA EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL PRA TODA A VIDA

Dermeval Gervásio de Oliveira
Ex-monitor

A minha experiência com a Pedagogia da Alternância tem tudo a ver com a minha história de vida. Neste sentido é necessário trazer aqui alguns fatos que ajudam a compreender o quanto que a ECR fez a diferença na minha vida.

A minha origem é do campo, de família de sete irmãos, filho mais velho, que nasceu em terras alheias, sobrevivemos alguns tempos em fazendas, em terras de parentes da minha mãe (Maria Oliveira Rosa), em terras de parentes do meu pai (João Gervásio Filho) e várias tentativas de sobreviver na cidade de Brotas de Macaúbas.

A minha trajetória de vida não é diferente de tantos outros jovens que migram do campo para a cidade, na busca por melhores condições de vida. Após ter residido em tantos lugares, mesmo na diversidade da vida cotidiana, o desejo e a determinação pelos estudos era o que me motivava a permanecer na cidade.

Já adolescente, brincando na noite com os colegas, justamente na Rua Padre Carrilho, assistia pela janela da casa onde funcionava a ECR, os “serões” realizados com os alternantes. Só desistia de ouvir as palestras quando alguém reclamava dizendo que a gente estava desconcentrando o palestrante sobre o tema daquela noite. Entretanto, a minha curiosidade era entender o que se passava naquele espaço e porquê aqueles assuntos eram tão diferentes daqueles que via na escola.

Aos poucos fui me entrosando com os jovens da Casa Santo Afonso, da Escola Maria Goretti e a partir desse pessoal passei a participar das celebrações da Paróquia Nossa Se-

nhora de Brotas, me tornando leitor da Missa Dominical. A partir de então, me aproximei do pessoal da ECR e participei de algumas práticas agrícolas, a exemplo da montagem do arado de tração animal que a ECR tinha adquirido.

Logo que finalizei o curso de Magistério (1982), ingressei na ECR em 20/04/1983, a convite do Pe. João Cristiano, proposta apresentada por Madalena, monitora da ECR. Aceitei o convite de imediato e fui trabalhar com o pessoal vindo do Espírito Santo (Madalena, Natal e Zé Luiz). Inicialmente assumi algumas disciplinas do currículo da escola, acompanhei os alternantes nas suas comunidades: Lagoa do Barro, Churé, Bela Sombra, Araci, Alvorada, Lagoa do Prudente, Pintadas, Riacho das Telhas, Sodrelândia, Novo Horizonte, Jatobá, Varzinha, Barriguda, Faz. Ferrari, entre outras comunidades.

No dia a dia fui me integrando aos Movimentos Sociais apoiando as comunidades de Fundo de Pasto na luta pelo “Bode Solto”, contribuindo na criação e na organização das associações “das comunidades do asfalto”, como dizia o Pe. João Cristiano, no trabalho de saneamento básico, ajudei na organização de grupos produtivos para a aquisição de vacinas e implementos comunitários, na formação sindical, na mobilização pela Constituinte e acompanhei por várias vezes, as viagens do Sr. Raimundo Porto (in memoriam) nas suas palestras em outras EFAs da AECOFABA. O Sr. Raimundo Porto na época era monitor da ECR, foi grande entusiasta da Educação contextualizada e nosso orientador técnico em zootecnia, muito demandada pelos agricultores.

Ao longo do período fui me identificando também, com a administração da ECR, onde acabei sendo responsabilizado pela gestão da associação (SEDEC) mantenedora da Escola Comunidade Rural e pela busca de outros recursos para a manutenção do trabalho junto às comunidades.

Motivado pela Pedagogia da Alternância associada à Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire), fiz o curso de Técnico em Agropecuária na ETFAB, segunda turma do primeiro curso técnico da rede reconhecido pelo MEC e na alternância dividi o meu tempo com o trabalho na ECR e na Diocese de Barra. Em 1988, quando finalizei o curso técnico já trabalhava na Pastoral da Terra (Diocese da Barra).

Os fatos relatados anteriormente, ilustram, especialmente, a relevância dessa experiência como Monitor da ECR e o que mudou na minha vida. Viver a Pedagogia da Alternância é um legado pra toda a vida, que mantém em nós o desejo por uma Educação inclusiva e contextualizada, nos tornando defensores e motivadores desta vivência, em qualquer espaço que esteja-

mos sempre procurando incentivar a juventude rural a fazer parte desta rica experiência.

E para culminar esta experiência importantíssima da minha vida, senti muito orgulho quando o meu filho mais novo, Marcus Vinícius, optou por estudar na EFA de Riacho de Santana, concluindo o curso Técnico em Meio Ambiente no ano de 2018. Graças a esta experiência que ele viveu, hoje está graduando em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar na UNILA (Universidade Latina Americana), na cidade de Foz do Iguaçu e se tornou defensor da Metodologia da Alternância.

Sinto-me privilegiado por ter vivido esta experiência como Monitor na ECR, ter feito o curso de Técnico em Agropecuária pela ETFAB, de ter um filho que estudou numa Escola Família Agrícola e uma companheira que é grande defensora da Educação do e no Campo.

Só tenho que agradecer e reconhecer a Escola Comunidade Rural (ECR) por ter me dado a oportunidade dessa vivência importantíssima para minha vida, ao Padre João

Parte da equipe da ECR com Dom Orlando e Pe João Cristiano



Cristiano (in memoriam) por ter me dado a oportunidade de trabalhar na ECR, ao Padre Aldo Luchetta (in memoriam) pelos seus ensinamentos e a Thierry De Burghgrave, por manter viva a chama da Metodologia da Alternância em Brotas e difundi-la no Estado da Bahia e no Brasil.

Depoimento de Delcione Soares de Souza (ex-monitor): Sou natural de Boquira – Bahia, filho de agricultores, atualmente residente em Caculé - Bahia. Sempre permanecendo nas minhas raízes, exercendo atividades agropecuárias e comércio varejista. Sou aluno egresso da EFA de Boquira e ETFAB de Riacho de Santana, concluindo o curso Técnico em Agropecuária no ano de 1988. Tive a oportunidade de fazer um estágio na EFA de Brotas de Macaúbas e ali fui convidado para exercer a função de monitor e foi uma honra por ter recebido a confiança para fazer parte de uma equipe para desenvolver e dar sequência a um trabalho que já vinha sendo desenvolvido há muito tempo na EFA e comunidades rurais junto à paróquia e demais voluntários como Raimundo Porto, Thierry, Generosa e outros.

Ali trabalhamos com uma turma de jovens alunos ministrando aulas teóricas e práticas na EFA e dando acompanhamento às famílias, às comunidades e aos/às estudantes no período de alternância em casa, com a finalidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos na EFA e ao mesmo tempo buscando conhecimentos e experiências junto às famílias e comunidades.

Hoje me sinto muito fortalecido pelos conhecimentos adquiridos junto a todos estes heróis das EFAs, fundadores e apoiadores. E estou na torcida e apoiando a continuidade e o fortalecimento deste grande projeto. Só

me resta é agradecer por esta grande lição e exemplo de vida. Muito obrigado!

Depoimento de Moisés Prado (ex-monitor): Passar pela escola família agrícola, foi uma experiência muito enriquecedora, contribuindo na minha percepção de vida e a forma de enfrentar os desafios na construção de um projeto pessoal e coletivo.

Como aluno que fui, aprendi que existem inúmeras possibilidades de ações para alcançar nossos objetivos. Muitas vezes não existe o certo ou errado, mas sim maneiras diferentes de fazer as coisas. Através da Pedagogia da Alternância me veio a possibilidade de estudar, pois tinha parado para trabalhar e ajudar minha mãe que era viúva a criar meus irmãos. Sem essa pedagogia eu não teria estudado.

Como monitor de EFA foi uma experiência também desafiadora, mas tive a oportunidade de conhecer outras realidades, experiência das comunidades, das famílias, pais de alunos/as. Conhecer suas formas de vida, costumes e organizações. Percebi também que cada família, cada comunidade tem uma dinâmica própria e nós como agente de transformação temos muito a contribuir na proposição de inovação a partir da valorização do que cada um já faz.

Foi desafiador desenvolver conteúdo que atendesse cada comunidade, tendo como base o tema pesquisado durante a estadia dos/das alunos/as em casa. Acho que essa pedagogia cumpriu seu objetivo, talvez não no sentido de fixar o homem no campo, mas sim em formar liderança, pessoas comprometidas naquilo que se propõe em fazer, sendo protagonista.

Hoje me sinto gratificado quando vejo esses/essas jovens prosperarem, assumindo cargos importantes no município ou no Estado.

TESTEMUNHOS

Alternantes egressos/as da Escola
Comunidade Rural



Otávio Rodrigues Filho

Nos anos de 1970 surgiram muitos movimentos de organização de base apoiados pela igreja católica depois do Concílio Vaticano II. Surgiu assim, dentre outros movimentos, a Escola Comunidade Rural – ECR, em Brotas de Macaúbas, no ano de 1975.

Esta escola apareceu utilizando uma metodologia nova, denominada de Pedagogia da Alternância com seus instrumentos pedagógicos, um deles o Plano de Estudo – P.E., que é um instrumento que permite um estudo baseado na realidade local.

A ECR foi a primeira escola a funcionar com a Pedagogia da Alternância na Bahia. Os primeiros estudantes foram: José Ivanilton e Salvador da comunidade de Lagoa de Dentro; eu, Otávio, Nilson, Geraldo e Joaquim da comunidade de Mata de Bom Jesus e Sebastião da comunidade de Sodrelândia.

É um modelo de escola que faz o estudante ver o problema e procurar a sua resolução. Faz abrir os olhos na busca de novos caminhos, que outrora eram impossíveis de serem pensados. Estimula o estudante a procurar novos conhecimentos que venham a enriquecer o seu aprendizado. Foram muitas as visitas realizadas em outras regiões, o que são chamadas de visitas de estudo, e até visita a



Limpendo cacimba na roça da ECR - 1976

outros países, sempre com a perspectiva de aprimorar os conhecimentos adquiridos na ECR. É uma escola que abre novos horizontes e convida a pessoa a participar de encontros técnicos e sociais com a finalidade de desenvolver a família, a comunidade e sua região.

Com esta metodologia transformadora surgiu entre os jovens que estudaram na ECR muitas lideranças comunitárias que atuaram e atuam em diversos órgãos da sociedade civil organizada, produzindo muitos efeitos positivos como sujeitos ativos nas associações, cooperativas, sindicatos e na vida política do município. São também jovens que despertaram para uma nova visão religiosa e compromisso cristão.

Em relação a vida profissional, o estudante sempre trabalhou tanto na agricultura como na pecuária, introduzindo novas técnicas (imagem GOV049), mas sempre respeitando e aprimorando os saberes e técnicas já existentes na família e comunidade.

Alternantes observando arado em Visita de Estudo



*Preparando canteiros para
cultura de hortaliças na ECR*



Parabéns à ECR por tantas sementes plantadas, que seus frutos sejam sempre colhidos pelas futuras gerações e que seu legado jamais seja esquecido.

Joaquim José Vieira

Eu, Joaquim José Vieira, vou fazer meu depoimento sobre o que foi a ECR na minha vida. Adquiri muitos conhecimentos sobre o manejo da terra, as técnicas que ajudam na preservação do solo, favorecendo o desenvolvimento do cultivo das plantas agrícolas e das hortaliças. Aprendi a fazer leiras que ajudam a evitar a queimada e aproveitar os restos dos materiais das leiras que ficam no solo para se tornarem adubos orgânicos. As técnicas também ajudaram a entender sobre a preservação do

meio ambiente, reaproveitamento das áreas cultivadas, evitando a derrubada de novas árvores. Aprendi também como cuidar dos animais, fazendo o manejo correto.

Além desses conhecimentos aprendidos na ECR sobre os cuidados com a terra e com os animais, foi na escola que consegui ter conhecimentos de outros assuntos que me ajudaram bastante a entender o que é o êxodo rural, buscando meios de diminuir a saída do homem do campo. Adquiri consciência de classe e da importância de viver em comunidade, valorizando as organizações e o sindicato.

José Martins de Araújo

Fui aluno da Escola Família (ECR) quando ainda era da IDEC (Instituição para o Desenvolvimento de Comunidades). Passei dois anos na escola: de março de 1978 a dezembro de 1979 e no final do curso recebi um certificado em Técnicas Agrícolas.

Não sei expressar o quanto foi importante para mim.

Aprendi a conviver com amigos e professores.

Aprendi a trabalhar com a terra, plantando hortaliças e cuidando de animais.

Junto com meu amigo Oton, fomos parceiros de escola e de trabalho na comunidade, mostrando como plantar tomate, alface, repolho e outras variedades. Hoje ainda vivo um pouco do que aprendi. Estou plantando agora umbu gigante e maracujá com mudas produzidas na Escola Família Agrícola Regional de Brotas (EFAR) e na de Boquira.

O pouco que aprendi, agradeço aos meus professores.

Obrigado!



Trabalhos práticos na roça da ECR

Novas culturas experimentadas nas comunidades



Aldey Rosa da Silva

Na década de 70, com o apoio da família e da comunidade da Lagoa do Capim, do município de Brotas de Macaúbas, tive o privilégio de participar da Escola Comunidade Rural (ECR) durante dois anos (1976 - 1977).

Essa escola me deu uma formação básica em assuntos como: higiene, nutrição, trabalhos manuais, elaboração de receitas e como aproveitar as sobras, boas maneiras, cultivo de hortaliças, disciplina pessoal, responsabilidade, convivência em grupo, aperfeiçoamento.

Organização dos trabalhos práticos na roça da ECR



Foi na ECR que adquiri a consciência de que deveres e direitos andam juntos, que tive a coragem de reivindicar o que me pertence e que aprendi a andar de cabeça erguida.

Facilitou o meu trabalho em casa de família, adaptando os hábitos e costumes de cada um.

A metodologia da alternância me ajudou principalmente a não perder o vínculo familiar, a não fugir diante da realidade e a me sentir segura.

Foi também na ECR que comecei a me preocupar com a qualidade da alimentação, com a utilização de produtos mais saudáveis, evitando comidas industrializadas.

No setor agropecuário, descobri entre outras práticas um novo método de castração e a necessidade de buscar orientação com profissionais como veterinários e agrônomos e a utilizar a internet de maneira correta.

Quero expressar a minha gratidão a Deus pela minha vida e a todos e todas que tanto contribuíram para com a minha formação.

Desejo que as comunidades, as famílias e os/as alternantes possam aproveitar no máximo este tipo de escola em alternância.



Almir Pedro de Alcântara

A Escola Comunidade Rural teve um impacto positivo em minha vida, me deu estabilidade, fixação no campo, sem precisar sair para os grandes centros, permanecer em minha comunidade, orientando os agricultores e criadores, dando exemplos como: liderança da comunidade, incentivando o associativismo, como também criando ovelhas, desenvolvendo também um criatório de abelhas italianas, tive também uma passagem por dois mandatos de vereador. Ultimamente, estou há 26 anos como ACS – Agente Comunitário de Saúde – e assim pude me manter firme e forte em minha comunidade. Por tudo isso, agradeço a ECR.

Oton Ribeiro dos Santos

Minha história de vida, um pouco do trabalho feito, se iniciou no ano de 1989, quando fui eleito tesoureiro da igreja [da comunidade], e no ano seguinte a gente fundou o grupo de jovens aqui na comunidade, chamado na época de JUCT – Juventude Unida com Cristo no Trabalho. Eu, Tone e Cleusa tivemos à frente. Com 20 anos comecei a trabalhar na comunidade. No momento em que a gente fundou o grupo, partimos também em busca da geração de renda, que é a horta comunitária. O grupo tinha necessidade grande de se manter. Para trabalhar com essa horta, precisava de alguém para assessorar o trabalho e houve então a necessidade de eu ter que sair para Brotas, para a Escola Comunidade Rural (ECR). Irmã Regina e irmã Vilma e Lurdinha incentivaram a formação do grupo.

Em 91, Demerval trabalhava na Caritas Diocesana, e conseguimos um projetinho para comprar o equipamento da horta, até para cercar a área e uns utensílios, ferramentas, para começar. Surge a necessidade: se não tem alguém pra acompanhar, como é que a gente vai fazer, tocar esta horta, sem experiência? Então, através de Ariovaldo, que já tinha passado pela escola e de Artur, fui lá conhecer a escola. Na época, o padre João Cristiano tinha saído e seu Raimundo assumiu a direção da paróquia e da escola. Eles vieram aqui na comunidade conhecer o início do trabalho da gente, também fizeram o convite, e em fevereiro de 91, iniciei o primeiro ano da escola que concluí em dezembro de 92.

Uma experiência muito rica, como eu falei. Muita gente não dá tanto valor, mas é uma mini faculdade. Ali, pra quem quer mesmo, realmente vale a pena. Porque nós tivemos professores como Oldaci, seu Raimundo, Generosa, Paulinho, tinha irmã Arminda, irmã Cléia que foram pessoas de muito conhecimento. E também, o processo de religião nas aulas era a realidade do leigo, totalmente voltado pro homem do campo... valeu a pena mesmo ter ido.

Com a alternância, ficava quinze dias na escola e quinze dias acompanhando o grupo na comunidade. Foi em 90 e 91. E aí começou mesmo o trabalho e foram dois anos de experiência, uma experiência muito rica, porque além da escola oferecer aula teórica, também tinha a parte prática, não era uma coisa só teórica. E aí eu ficava quinze dias lá e quinze dias aqui dentro, acompanhando este grupo. E, também lá tem uma biblioteca muito rica, que poucos alunos aproveitaram, uma livraria mesmo, imensa, à qual o pessoal não dava valor, mas cada vez que eu estava aqui os quinze dias eu pegava dois, três livros pra ir estudando, pesquisando aqui em casa, daí não ficava só dependendo de professor. Em 91 e 92 a gente fez esta horta comunitária. Tivemos também uma oportunidade de, em 92 ainda, fazer uma experiência na Romaria da Terra, Bom Jesus da Lapa, pastoral da juventude: a gente apresentou a experiência da horta comunitária do grupo. Foi a primeira vez que eu fiquei num palco na frente de três, quatro mil pessoas.

E aí já tínhamos começado a trabalhar também a mentalidade do jovem aqui dentro; fazia curso de formação, de convivência com o semiárido. Desde aquela época eu iniciei o trabalho em torno da relação com o meio ambiente e combater forte mesmo a queimada. Naquela época a gente enfrentou neste tema uma resistência muito grande por parte da comunidade, mas aos poucos, com o trabalho feito na prática, do jeito que eu fazia, sem o fogo, o pessoal começou a perceber.

Por isso que hoje a gente tem uma comunidade com mentalidade diferente. O pessoal gostava de caçar demais, de matar passarinho e tudo, e ainda hoje pode ter alguém fazendo isso, mas é contado as pessoas... e já com medo, porque está na mente das pessoas que não se

deve matar bicho nenhum.... Então, com aquilo eu senti que a gente às vezes quer um fruto logo, mas, esse fruto vai aparecendo aos poucos e se a gente não parar para refletir, a gente não vai perceber que as coisas estão acontecendo.

Eu tive também uma experiência com o dom da hidroestesia, que é a localização de objeto à distância, como diz o livro. Quer dizer, procurar água, lençóis freáticos pra conseguir cavar cacimbão e também furar poço artesiano. E isso foi, graças a Deus e também à escola. Porque quando eu saí da escola, o sonho meu era ter uma roça com água dentro. Só que eu não tinha. E eu tinha vontade de plantar verdura, mas meu pai não aceitava tirar a cana pra plantar verdura. E no final de 93, a gente tinha pouca água pra manter a horta do grupo. O padre Leandro veio pra Brotas, onde ainda tinha alguma turma na escola, e pedi a Generosa para agendar a vinda dele aqui na comunidade. Ele veio aqui procurar água com a varinha. No mesmo dia em que ele veio, também descobri que tinha a mesma sensibilidade.

Passei um dia com ele fazendo treinamento e no ano seguinte, eu mesmo consegui marcar um poço na minha roça e cavar cacimbão, foi no dia 21 de maio de 94. Antes dele foi cavado um na horta, que foi marcado pelo padre. E aí comecei fazer este trabalho de localização de poço em vários municípios da região: Brejinhos, Ibotirama, Gentio, Ipupiara, Brotas, Morpará. Tinha aquele sonho de jovem de não só rezar, mas também de poder evoluir mais.

Enfim, em 96 nós, junto com um representante da prefeitura, criamos a associação. Criamos a associação e esse mesmo grupo de jovens que tinha se formado assumiu a base dessa associação. A gente continuou o trabalho com ela. Em 99 assumi a presidência, após ter exercido dois mandatos de tesoureiro. E hoje, oito ou nove anos depois, ainda são os jovens que formam a direção: o mesmo grupo daquela época é quem está à frente dessa associação. Quer dizer: é preciso ter a visão social, não ficar só rezando, só acomodado, mas também dando continuidade na luta.

*Abertura de cacimba
(poço manual) na
comunidade*



Nota: Esses trechos do depoimento de Oton Ribeiro dos Santos foram extraídos do Capítulo “Comunidades de base na década de 70: a formação de lideranças na Paróquia de Brotas de Macaúbas, Diocese de Barra (BA)” de autoria de Ailton Ribeiro Alcântara, parte do livro “Lideranças para a Democracia Participativa – experiências a partir da Teologia da Libertação”, organizado por Markus Brose e editado pela Editora da Universidade Católica de Goiás, em 2008.

Judite de Oliveira Santos Manhani

Eu, Judite de Oliveira Santos Manhani, da comunidade do Araci, estudante da Escola Comunidade Rural, nos anos 1979 a 1980, a época em que a escola era dirigida pelos agricultores que formavam a diretoria da entidade denominada IDEC - Instituição para o Desenvolvimento de Comunidades.

Esta escola foi muito importante pra mim, pois foi onde aprendi muito para o meu crescimento e trago para minha vida até hoje. Aprendi através da escola a conhecer mais as pessoas da comunidade e trabalhar com elas. Transmiti os conhecimentos adquiridos na ECR para mães e moças da época, tanto na teoria como na prática.

Hoje faço tricô, crochê, bolos, arranjo, costuro e vendo para complementar a minha renda. Tudo isto devo à escola e aos meus professores e professoras, dos quais tenho muitas saudades.

Grupo de alternantes nos trabalhos manuais



TESTEMUNHO EXTERNO



BROTAS E UMA ESCOLA DIFERENTE

Dilton Aécio Rodrigues Oliveira
Ex-professor da EFAR

Brotas sempre foi uma cidade diferente. Sua tranquilidade, a cordialidade, inteligência e educação de seu povo, sempre foi uma marca, reconhecida pelas populações circunvizinhas, e mesmo pelas mais distantes, quando conheciam sua história. Chamavam-na de “A Cidade dos Doutores”.

Claro que o fato de aqui ter nascido Milton Santos, um dos maiores intelectuais do Brasil no século XX, respeitado mundialmente, contribuiu para a afirmação de nossa inteligência.

Quando cursei a faculdade de Filosofia, em Ilhéus e Salvador, ao me apresentar nos primeiros dias de aula, quando eu citava minha cidade de nascimento, vários colegas me interrogavam pedindo mais informações. Graças a Milton Santos e a José Campos Barreto (Zequinha), parceiro de lutas de Carlos Lamarca.

A década de 70, para muitos estudiosos, foi a época mais rica e criativa de nossa geração, apesar da ditadura que assolava o país e da grande dificuldade vivenciada pela população na busca da sobrevivência.

Em 1975, eu, então com 15 anos, passava os dias como todo adolescente de minha época. Não existiam os benefícios sociais de hoje em dia. Nosso dia a dia era trabalhar de engraxate nas festas do Divino e da Padroeira, trabalhar como servente de pedreiro em alguma obra das Frentes de Serviço da SUDENE, “badocar” ou jogar futebol nos finais de tardes, antes de tomar banho no único chuveiro ao qual todos tinham acesso, no Posto de Gasolina de Sr. Miruzim (José de Oliveira Santos), antes de ir para a aula noturna no Colégio Cenecista.

Nas noites de domingo eu fazia parte da equipe de apoio (Coroinha) nas celebrações na

Igreja Matriz, ao lado do Pe. João Cristiano e, quando não estava em outra atividade durante os dias da semana, ajudava minha tia Detinha (Elizabeth Oliveira Araújo) na Secretaria da Paróquia, onde fazíamos pesquisa e emissão de batistério, para fins de aposentadoria pelo FUNRURAL.

Foi nesse ambiente de dificuldades típicas da época, porém cercado de momentos, que hoje posso afirmar, eram de uma felicidade singela, que vi surgir um projeto inovador.

Não fiz parte, mas acompanhei de perto o surgimento de uma escola diferente.

Em alguns casos, Brotas foi pioneira.

Brotas vivia uma época de transição. Saindo do trauma da perseguição a Zequinha e Lamarca pelo Exército Brasileiro em 1971, quando toda a população foi afligida pelo barulho dos helicópteros e pela pressão psicológica exercida pelas tropas da repressão e uma esperança de novos tempos, que já se vislumbrava no horizonte, trazida pelo trabalho pastoral/social do Padre João Cristiano.

Também em 1975, foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, hoje SINTRAF, ferramenta importante para emancipação da população trabalhadora rural, na esteira do trabalho social já realizado pela igreja.

O trabalho missionário do Padre João seguia a todo vapor. Nas comunidades e na sede, mobilizando trabalhadores rurais e jovens da cidade, engajados em várias frentes, inclusive artísticas. Naquela época, numa cidade pequena do interior da Bahia, com dificuldades de acesso e energia a gerador a diesel, qualquer movimentação diferente

chamava a atenção de todos. Já tínhamos a presença de jovens participantes do Projeto Rondon, que trouxe melhorias e novidades para a população local, inclusive movimentando a noite brotense.

De repente começa a funcionar uma escola na casa que fora outrora do Sr. Osvaldo Rosa, na época já pertencente à paróquia, hoje residência e escritório do advogado Edvando Oliveira dos Santos. A escola chamou muito a atenção da população, não apenas por trazer jovens da zona rural e tratar, basicamente, das questões relacionadas à vida no campo, mas, também por outros aspectos.

Era dirigida e comandada por um estrangeiro, recém-chegado a Brotas, amável e carismático, apesar de seu português ainda em desenvolvimento. Sempre que eu podia, ajudava meu amigo e colega de escola Egrinaldo Oliveira Araújo, conhecido como Naldo de Samuel, proprietário do Bar 7 Portas, hoje Bar de Joareis ou Joaldo. Por estar localizado bem em frente ao local onde funcionava a escola, invariavelmente presenciava, ao meio-dia, a chegada do estrangeiro, acompanhado do colega Nilson Correia dos Santos (Nilson da Mata), que vinham consumir a tradicional branquinha da região, “pra poder almoçar”.

Também chegaram jovens vindo de outras partes do Brasil e até de fora do país, para con-

tribuir na condução da escola. Idalgizo, Criselda, Tereza (que posteriormente passou a ser Tereza de Benjamin) e o grande meio campista Mará, jovem parrudo e bom de bola, que passou a integrar a seleção de futebol de Brotas. Toda essa movimentação foi complementada por vários jovens de diversas comunidades da região, que passaram a fazer parte do cotidiano brotense,

Por não ser público alvo da escola, não integrei nenhuma turma, segui com meus estudos no modo tradicional e fiz o caminho que todo jovem fazia à época, que era ir para São Paulo em busca de trabalho. Fui em 1979.

Os jovens que estudaram na Escola Comunidade Rural, não necessitaram fazer esse caminho. Puderam permanecer em suas comunidades, contribuindo no terceiro setor ou sendo lideranças sociais, religiosas, sindicais, entre outras.

Sem dúvida, foi uma época difícil para todos, principalmente para os jovens que não viam perspectivas em suas vidas. A ECR mudou essa realidade para sempre. Completou, com louvor, o magnífico trabalho missionário conduzido pelo Monsenhor João Cristiano.

P.S. O estrangeiro citado era Thierry De Burghgrave, com experiência na Pedagogia da Alternância, belga de nascimento, brotense de coração.



DESAFIOS E PERSPECTIVAS

REFLEXÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA BAHIA E NO BRASIL

Tiago Pereira da Costa

Doutor em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial

Ex-aluno, Ex-Professor e Ex-Diretor da Escola Família Agrícola de Sobradinho (EFAS)

Ex-Presidente da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (REFAISA)

Coordenador Geral de Ações Estratégicas de Combate à Fome do Governo da Bahia

A primeira experiência fora do estado do Espírito Santo, em Brotas de Macaúbas, no interior do estado da Bahia, denominada de Escola Comunidade Rural, prestou relevantes serviços às comunidades rurais da região no período de 1974 a 1994, quando, por motivos diversos, parou suas atividades, após ter formado 187 jovens nas áreas das técnicas agropecuárias e da economia do lar, e nesse período incentivou outros municípios a investirem na experiência. A expansão foi grande, surgindo a necessidade de criação de uma Associação Regional que congregasse as associações locais mantenedoras de EFA's existentes, daí o nascimento da Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia (AECOFABA), em 04 de setembro de 1979. E mais tarde a criação da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (REFAISA) em 1994.

O projeto em Brotas de Macaúbas, encontra sua raiz na atuação social da Igreja Católica na segunda metade do século passado. Este trabalho, pioneiro nesta região do sertão da Bahia, visava o desenvolvimento integrado de comunidades, através de ações direcionadas para as áreas de pastoral, de saúde e de educação, extremamente carentes na época. Entre as ações desenvolvidas no setor de educação, destacava-se o Projeto da Escola Comunidade Rural (ECR), inspirado no modelo das Escolas Famílias Agrícolas (EFA).

A atuação destacada da maioria destes jovens formados, egressos da ECR, em suas respectivas comunidades ao longo dos anos, bem como sua inserção e participação ativa nos movimentos e

organizações profissionais, sociais e culturais da região, chamou a atenção de um grupo de pessoas, entre representantes de comunidades rurais, responsáveis associativos e representantes do poder público. Este fato desembocou em 2009 na ideia da implantação de uma nova EFA na região, formada pelos municípios de Brotas de Macaúbas, Ipupiara, Oliveira dos Brejinhos e Morpará. A partir daí, surge a criação da Associação de Desenvolvimento das Comunidades Rurais de Brotas de Macaúbas e Região (ADECORBE), que percorreu conhecendo outras EFA's já em funcionamento, visitando: Macaúbas, Correntina, Riacho de Santana, Boquira e Monte Santo, ambas no estado da Bahia. Diante dessas experiências das visitas, surgiu a proposta de buscar alguém que já tinha uma vivência em EFA, na qual resultou na vinda de Mara Pimentel de Andrade, ex-aluna de EFA de Monte Santo, com a proposta de trabalhar com as comunidades. Neste trabalho ela contava com o apoio e o auxílio da prefeitura municipal, de algumas lideranças das comunidades e das paróquias dos municípios, resultando desse trabalho um envolvimento maior da comunidade.

Estamos colhendo os frutos de um longo e árduo trabalho de construção da Pedagogia da Alternância (PA) no Brasil, tendo seu nascimento no Estado do Espírito Santo e posterior no Estado da Bahia, e isso só foi possível após o processo de redemocratização, tendo a constituição federal de 1988 um lastro legal na garantia dos direitos básicos e essenciais, principalmente o direito à educação. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) traz uma abertura para as especificidades no sistema de educação, trazendo o conceito de que a

educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, fortalecendo a compreensão do movimento da Pedagogia da Alternância a partir das práticas e experiências das Escolas Famílias Agrícolas (EFA), Casas Familiares Rurais (CFR) e Escolas Comunitárias Rurais (ECOR).

No aspecto organizacional e político, a criação do movimento no âmbito dos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA) no Brasil, foi de suma importância no enfrentamento junto aos Governos, e entre muitas idas e vindas, na dimensão prática, só foi a partir dos anos 2.000 que os nossos sonhos coletivos do movimento se transformaram em esperança de dias melhores com a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e mais tarde se torna realidade com o parecer CNE/CEB nº 01/2006, aprovado em 1º de fevereiro de 2006 que trata dos dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA). Após isso começaram aparecer avanços no aspecto jurídico, relacional e institucional com o Estado brasileiro através de portarias, leis e decretos em nível federal e estadual nesses quase 20 anos, que trazem a alternância enquanto reconhecimento pelo Estado brasileiro. Foi muito importante viver esse momento, e reconhecemos as pessoas que lutaram e tombaram acreditando que isso seria possível.

O que vivemos hoje no movimento CEF-FA parece um sonho, mas, é uma grande realidade: reconhecimento dos sistemas de ensino federal e nos estados; convalidação dos estudos dos anos anteriores; apoio dos governos; recursos financeiros de programa e políticas públicas; governantes sensibilizados; famílias comprometidas; estudantes protagonistas; parceiros atuantes; movimento fortalecido; isso tudo se traduz em um bom currículo (plano de formação); alimentação digna; equipe motivada; infraestrutura em evolução; e o mais importante, as realidades sendo transformadas tendo a participação efetiva do movimento da Pedagogia de Alternância. O método VER-JULGAR-AGIR ainda é uma grande realidade, apesar das limitações da contemporaneidade.

Na Bahia, fruto da atuação e incidência das redes AECOFABA, REFAISA e dos movimentos sociais e populares, foi aprovada no governo de Jaques Wagner a Lei nº 11.352, de 23 de dezembro de 2008 que Institui o Programa Estadual de Apoio Técnico-Financeiro às Escolas Família Agrícola (EFA) e Escolas Familiares Rurais (EFR), através de entidades sem fins lucrativos, o Decreto nº 14.110 de 28 de agosto de 2012 que dispõe sobre a regulamentação desta Lei, a Resolução CEE nº 103, de 28 de setembro de 2015, que dispõe sobre a oferta da Educação do Campo no Sistema Estadual de Ensino, o Parecer CEE/BA nº 130/2021 que Institui as Diretrizes da Pedagogia da Alternância, no Sistema Estadual de Ensino e a Resolução CEE/BA nº 63, de 09 de novembro de 2021 que Institui as Diretrizes da Pedagogia da Alternância, no Sistema Estadual de Ensino da Bahia, sendo desde a aprovação da Lei o marco institucional de parceria do Governo do Estado com as EFAs e CFRs, o que antes se tinha eram poucas ações pontuais por interferências políticas locais e regionais. Destacamos nesse período a atuação parceira e zelosa do Secretário e atual Governador da Bahia Jerônimo Rodrigues com esse movimento, sendo possível em 2019 numa grande conferência nacional celebrarmos os 50 anos da Pedagogia da Alternância no Brasil.

É preciso ter a flexibilidade metodológica e criatividade pedagógica necessária para adaptar a formação por alternância às exigências de cada uma das situações encontradas, sem por isto perder em qualidade, nem se afastar dos princípios metodológicos e filosóficos que a regem. Isso é um dos grandes desafios que o movimento terá de enfrentar e vencer se quiser se afirmar como opção de educação escolar e comunitária para as gerações vindouras, sobretudo, numa sociedade globalizada, tecnológica e de contradições existenciais.

Destacamos como desafios internos e externos que carecem estarem na ordem do dia, ajudando a pensar e fortalecer cada experiência local e regional: redução do apoio da cooperação internacional; infraestrutura fragilizada (prédios, móveis, utensílios, etc.); segurança e roubos; custeio de despesas administrativas (água, luz, telefone, contabilidade); ausência de uma boa assessoria pedagógica e administrativa regional e de processos de formação das equipes; sobrecarga da equipe de profissionais; uso das tecnolo-

gias eletrônicas no ambiente escolar; trabalho de base junto as famílias e comunidades; água potável e tecnologias de captação e armazenamento de água da chuva; influência e demandas dos centros urbanos; recursos financeiros escassos para atividades pedagógicas (viagem de estudo, visita as famílias, aulas de campo, formação da equipe e participação em eventos); falta de parceria e apoio do poder público municipal; avanço das relações capitalistas de produção no campo; saída em massa da juventude da zona rural; transtornos emocionais, falta de caráter e conduta por parte de muitos estudantes; aplicação de medidas educativas na atualidade, conhecidas como “punições”; falta de solidariedade e companheirismo entre os/as estudantes recém-chegados; falta de motivação dos adolescentes e jovens em permanecer no campo; uso intensivo de produtos químicos na produção agropecuária pelas famílias; sedução dos egressos das EFAs pelo sistema capitalista/agronegócio; meios de comunicação com alta capacidade de alienação da juventude; influência do sistema capitalista e do mercado, no rito de duração dos Cursos de Educação Profissional, ora ofertados em três anos, ora ofertado em quatro anos.

Por outro lado, após a formação, os/as egressos/as têm grandes desafios de permanecer dignamente em seu meio, já que não dispõem nem de terras, nem de condições de produção e nem de políticas públicas apropriadas às suas necessidades, já que essas em muitas situações são carregadas de burocracias que as deixam inoperantes de acesso pela juventude. Diante dessa problemática, o Plano de Formação (currículo) e os Trabalhos de Conclusão dos Cursos Técnicos desenvolvidos através do Projeto Profissional do Jovem (PPJ) considera a Pluriatividade como possibilidade de permanência digna do Jovem no meio, através das oportunidades de fazerem com que os serviços essenciais a existência humana estejam a disposição nas próprias localidades, contribuindo com uma nova ruralidade.

Há uma expectativa de inserção desses egressos na vida das comunidades e na implementação das políticas públicas, sobretudo, nos serviços de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER). Esta expectativa se deve ao fato de as escolas projetarem uma contribuição mais efetiva da Pedagogia da Alternância Integrativa com o debate sobre produção e conhecimento, trabalho e renda, educação, dependência e

emancipação, campo e cidade, luta pela terra, pelo território e pelos recursos hídricos e naturais, ou seja, pelo desenvolvimento local sustentável ao fortalecer a classe trabalhadora com melhores condições de vida.

A partir da reconstituição histórica do movimento constata-se que as concepções, os fundamentos, os princípios e os pilares políticos, metodológicos e pedagógicos adotados no âmbito das escolas e das redes têm origens no movimento internacional e nacional da Pedagogia da Alternância, sendo necessário uma atualização considerando a trajetória percorrida, os avanços e desafios numa sociedade contemporânea, globalizada e tecnológica. Nesse contexto, a Pedagogia da Alternância no Brasil já se articula com a concepção de educação do campo, tendo como princípio a contextualização dos processos formativos numa relação macro e micro, global e local, empírico e científico.

Olhando para o futuro, considerando os avanços nos sistemas de ensino municipais e estaduais com bons currículos e expansão das condições de oferta dos processos formativos, o movimento da Pedagogia da Alternância precisa constantemente se reinventar e renovar seu fazer pedagógico e político sem perder de vista seus princípios e fundamentos, contemporizando os processos no tempo escola e no tempo comunidade, e inovando através de parcerias diversas, inclusive com instituições de nível superior já que é uma das grandes demandas das comunidades e regiões esse nível de formação para os filhos e filhas da classe trabalhadora.

Para os próximos tempos, é importante não perder de vista a necessidade de fortalecer o Estado Democrático e de Direito, tendo esse movimento um papel fundamental em ajudar construir um CAMPO possível de se viver, produzir e se emancipar, tendo foco no processo formativo a pluriatividade, cabendo o/a estudante ao longo de sua formação, definir seu projeto de vida com consciência, viabilidade e boas articulações, para que cada vez mais tenhamos uma região melhor de se viver.

Com o coração cheio de esperança, renovamos nossos caminhos na pluralidade do tempo e esperamos que os próximos anos sejam frondosos e carregados de conquistas para o fortalecimento da Pedagogia da Alternância na Bahia e no Brasil.

HOMENAGENS PÓSTUMAS



Dom Tiago Cloin: 5º Bispo da Diocese de Barra (1967-1976). Recebeu a dolorosa missão de quebrar certas tradições barrenses, não de acordo com os novos tempos e colocar a Diocese em ritmo de Vaticano II. Iniciou e muito incentivou a criação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). Muito valorizou o trabalho leigo e proporcionou formação adequada para as lideranças leigas. Deu ao trabalho social uma dimensão pastoral, superando o estilo paternalista e imprimindo um sentido promocional. Fundou a FUNDIFRAN e criou o Serviço Social da Diocese (SEDEC) que mais tarde iria servir de suporte jurídico para a ECR.

Monsenhor João Cristiano Franciscus Appeboom: Vigário da Paróquia Nossa Senhora de Brotas, que amou profundamente e à qual dedicou seus melhores anos de vida. Missionário incansável e pioneiro nos projetos sociais comunitários. Priorizou a formação dos leigos e leigas para assumirem responsabilidades e se tornarem verdadeiros/as animadores/as cristãos/cristãs de suas comunidades. Fundador e Presidente do Centro de Serviços para o Desenvolvimento Integrado de Comunidades (CESEDIC), primeiro suporte legal da Escola Maria Goretti e da ECR. Instituidor e primeiro Presidente da Fundação João Cristiano em Brotas.

Pe Humberto Pietrogrande: padre Jesuíta italiano, precursor e fundador do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES) e da Fundação Pe Antônio Civiero (FUNACI) no Piauí. Pioneiro no trabalho com a Pedagogia da Alternância no Brasil. Colocou o MEPES à serviço da ECR através de oferta de vagas nos cursos de Formação de Monitores/as do Centro de Formação e Reflexão (CFR) da entidade, assessorias pedagógicas e cessão de monitores/as. Sua parceria se tornou fundamental para o êxito da ECR.

Pe Aldo Luchetta: padre italiano, no Brasil desde 1967. Trabalhou no Espírito Santo onde conheceu as Escolas Famílias Agrícolas. Em 1973 se transfere na Bahia, onde assume a Paróquia de Riacho de Santana, na Diocese de Caetité, onde permanece até sua morte em 1998. Entre outros trabalhos sociais relevantes, ajuda a criar 25 EFAs no interior da Bahia, aplicando a metodologia da alternância, sendo o grande idealizador da Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da

Bahia. Facilitou a vinda de vários monitores da AECOFABA para a ECR de Brotas

Mario Zuliani: técnico agrícola, veio da Itália novo e adotou o Brasil como segunda pátria até o fim da vida. Um dos primeiros monitores de EFA no Brasil (Olivânia-Anchieta/ES), colaborador de Pe Humberto Pietrogrande e grande divulgador da Pedagogia da Alternância no Brasil. Foi secretário executivo do MEPES e prestou grandes serviços na implantação da ECR em Brotas, na segunda metade da década de setenta.

Raimundo e Lélia Porto: casal implicado nas ações pastorais da Paróquia Nossa Senhora de Brotas. Ele, como assessor no setor agropecuário da ECR; ela, como educadora e colaboradora da Escola Maria Goretti. O Raimundo Porto assumiu a direção da Paróquia Nª Sr.ª de Brotas no início dos anos noventa até a chegada do Pe Leandro Caldeiras. Apaixonado pela criação de animais e na ausência de profissionais formados na época, tornou-se veterinário prático, aconselhando e orientando, com muita sabedoria e experiência, a todos que lhe pediam ajuda. Tornou-se o primeiro Presidente da Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia (AECOFABA) em 1979.

Os dirigentes e animadores/as de culto nas comunidades rurais da Paróquia Nossa Senhora de Brotas, especialmente **Francisco Nery da Silva** (Várzea Alegre e Boa Sorte), Presidente da Instituição para o Desenvolvimento de Comunidades (IDEC). Todos e todas sempre facilitaram e incentivaram o trabalho dos/das alternantes em suas comunidades. Sem esse apoio, a ECR não teria alcançado os resultados tão desejados na busca de transformação da realidade local.

O monitor da ECR Nilson em visita à roça de Fr. Nery



Algumas lideranças comunitárias:

Antônio Rodrigues Filho (Mata do Bom Jesus).

Teófilo José Rodrigues (Mata do Bom Jesus).

Joel Rodrigues dos Santos (Mata do Bom Jesus).

Otaviano Irineu dos Santos (Lagoa de Dentro).

José dos Santos Filho (Seu Zuza) (Lagoa de Dentro).

Alonso Araújo Barreto (Araci).

Nilton Mendes de Oliveira (Alvorada).

Silvino Vieira da Silva (Várzea Grande).

Agenor Sodré (Novo Horizonte)

Ermelino Nery da Silva (Boa Sorte/Várzea da Pedra).

Arcelino Nery da Silva (Boa Sorte).

Ramiro Bispo (Varzinha).

Agricultoras e agricultores, pais de família, jovens que trilharam os caminhos de uma educação libertadora, através da maravilhosa aventura que foi a implantação e efetivação da Escola Comunidade Rural na região de Brotas de Macaúbas, na Bahia.



Visita da ECR na roça dos alternantes

AGRADECIMENTOS

Aos/às protagonistas da ECR, agricultores/as familiares, egressos/as, educadores/as e apoiadores/as que aceitaram contribuir com relatos tão reveladores sobre suas experiências de convivência com a Pedagogia da Alternância.

À Associação de Desenvolvimento das Comunidades Rurais de Brotas de Macaúbas e Região – ADECORBRE, através de seu Presidente Ricardo da Silva Ferreira e de seu Diretor Rogério Martins de Araújo, Presidente do SINTRAF de Brotas de Macaúbas, que sempre responderam positivamente às solicitações de ajuda.

Aos representantes da Fundação João Cristiano, SINDBROTAS, SINTRAF, ADECORBRE e CRESOL, membros da Comissão de organização do evento de comemoração dos 50 anos da ECR em Brotas de Macaúbas, em especial à equipe educativa da EFAR, na pessoa de sua Diretora, Maria Isabel Rodrigues Ribeiro.

Ao Crispim Ribeiro da Silva, da REFAISA, e ao José Nivaldo de Santana Costa, da AECOFABA, pelo seu incentivo e apoio decisivo na realização deste projeto editorial da Revista.

Ao Governo do Estado da Bahia, em especial ao Governador Jerônimo Rodrigues, à Secretária de Educação Rowenna Brito, à Equipe de Coordenação da Educação do Campo, na pessoa de Poliana Reis, bem como ao Tiago Pereira da Costa, Coordenador Geral de Ações Estratégicas de Combate à Fome – Bahia Sem Fome.

NOTA

A Coordenação Editorial, premida pelo tempo escasso e na ausência de arquivos mais completos, pede desculpas a tantos e tantas colaboradores/as e protagonistas da ECR, por não terem tido a oportunidade de participar desta Revista comemorativa dos 50 anos, como certamente seria de seu desejo. Seus relatos e depoimentos teriam, com certeza, enriquecido ainda mais este trabalho de resgate da memória da ECR e da Pedagogia da Alternância na Bahia.



4 e 5 são para as sementes e quando para o país
sem batidas, isto é, como se fosse o mesmo
as folhas, a fim de dar caráter mais forte e estável
C de fumo. Depois de curado e acompanhado por
mais a direita e a colheita as primeiras folhas de fumo
medidas. As outras são de outro tipo. Foi
de trincar, dadas as folhas para fazer o solo das
ligas para outro, isto é, de um fumo para outro, e







GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

GOVERNO
PRESENTE
TRABALHA
PRA GENTE